

CNBB apoiou, em 2025, 234 projetos de Ecologia Integral com R\$ 7.236.241,96 e está beneficiando 918.969 pessoas em todo país



O Conselho Gestor do Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) divulgou o resultado da quarta reunião do ano de avaliação de projetos que se cadastraram para receber recursos da Coleta Nacional da Solidariedade, gesto concreto da Campanha da Fraternidade 2025, que tem como tema “*Fraternidade e Ecologia Integral*” e lema “*Deus viu que tudo era muito bom!*” (Gn 1,31).

Na quarta reunião, realizada dia 3 de novembro, o conselho gestor do Fundo avaliou 78 projetos, aprovou 75 e desaprovou 3 em razão de não apresentarem toda a documentação e não responderem a todas as exigências do edital e do Guia de Cadastramento de Projetos.

Os 75 projetos e 1 iniciativa de animação aprovados na última reunião do ano pelo Fundo Nacional de Solidariedade receberam o total de R\$ 2.451.085,19. A estimativa é que atendam 93.352 pessoas diretamente e 273.250 indiretamente, somando aproximadamente 366.602 beneficiados.

234 projetos de Ecologia Integral foram apoiados

De acordo com os dados divulgados pelo Departamento Social, após cada reunião de avaliação e aprovação de projetos em 2025, o fundo recebeu ao longo do ano 779 projetos em sua plataforma de inscrição. Destes, 539 foram validados para passarem às fases seguintes de análise e avaliação.

Um total de 280 projetos foram considerados aptos e destes 234 projetos aprovados para receber os recursos do Fundo Nacional de Solidariedade arrecadados na Coleta Nacional de Solidariedade da Campanha da Fraternidade 2025, cujo tema: “Fraternidade e Ecologia Integral”.

Os 234 projetos aprovados pelo FNS em 2025 estão beneficiando diretamente 201.446 pessoas e indiretamente 717.523, num total de 918.969 beneficiados. No total, o FNS liberou R\$ 7.236.241,96 para os projetos.

Valor aprovado por reunião

Reuniões do FNS em 2025 –valor aprovado por reunião

1ª reunião, em 30 de junho - R\$ 1.441.958,79
2ª reunião, em 25 de agosto - R\$ 1.918.225,99
3ª reunião, em 3 de novembro - R\$ 1.424.971,99
4ª reunião, em 3 de novembro - R\$ 2.451.085,19
Total R\$ 7.236.241,96

“O Brasil está traduzindo a Ecologia Integral com ações concretas”

O bispo auxiliar de Brasília e secretário-geral da CNBB, dom Ricardo Hoepers, em sua avaliação já após a primeira reunião do Fundo, pontuou ter ficado surpreso sobre o quanto o Brasil está se mobilizando para realizar os projetos sociais voltados ao tema da Campanha da Fraternidade 2025 que é Ecologia Integral.

O secretário-geral da CNBB afirmou ser possível perceber que os projetos estão cada vez mais estruturados. “Uma coisa bonita é ver os bispos se envolvendo na indicação dos projetos”, disse dom

Ricardo. Outro ponto de destaque, apontando pelo secretário-geral da CNBB, foi a capilaridade dos projetos aprovados para lugares diferentes no Brasil onde até então o FNS não havia chegado.



“O Brasil assumiu, de fato, com alegria o tema da Ecologia Integral. E está sabendo traduzir o tema da Campanha não só no tempo da Quaresma mas também para uma dimensão concreta de expressão da fé, no qual as comunidades abrem seus espaços para organizar melhores propostas em relação à ecologia, ao cuidado do planeta, ao zelo e cuidado com as pessoas, povos tradicionais, grupos escolares, comunidades paroquiais, entre outros”.

Total geral de projetos aprovados por Eixo

O assessor de Campanhas da CNBB, padre Jean Poul, aponta que, nas quatro reuniões de avaliação e aprovação de projetos de 2025, se destacaram iniciativas de transição energética, energias renováveis, iniciativas agroecológicas e de desenvolvimento sustentável. Abaixo um quadro sobre o total de iniciativas aprovadas em cada um dos 3 Eixos previstos no edital.

Eixo 1: Apoio a vítimas de catástrofes, crimes ambientais e ações de restauração ambiental - R\$ 982.733,96 – total dos projetos - 29

Eixo 2 – Economia alternativa e transição energética - R\$ 2.859.370,82 – total dos projetos - 89

Eixo 3 – Formação para uma ecologia integral - R\$ 3.214.137,18 – total dos projetos - 107

Projetos de animação da Campanha nos regionais - R\$ 180.000,00 – total dos projetos - 9

Total 234 projetos.

Guardiães do Cerrado



Entre os projetos que se destacam em cada eixo, o FNS apontou no Eixo 1, o projeto “Brigada de prevenção e combate aos incêndios florestais”, apresentado pela Associação de Voluntários Patrulha Ecológica, em desenvolvimento em Brasília (DF). O projeto recebeu um total de R\$ 34.668,16;

No Eixo 2, o projeto destacado é o “Guardiães do Cerrado: sementes de vida e Ecologia Integral”, da Associação Comunitária Mulheres do Cerrado em desenvolvimento em Pompeu (MG). O FNS destinou R\$ 39.995,15 ao projeto. E, no Eixo 3, o destaque vai para o projeto “Energia Solar para a Evangelização e Sustentabilidade na Amazônia, da diocese de Parintins (AM), que recebeu um total de R\$40.000,00. Os valores liberados por projeto variam entre R\$ 20.000,00 a R\$ 40.000,00.

“Indígenas cuidam da Casa Comum”

O projeto “Entre as Florestas que cantam e as Águas que correm, Indígenas cuidam da Casa Comum”, da paróquia Nossa Senhora do Seringueiro, da diocese de Guajará-Mirim (RO), foi aprovado na última reunião do ano.

Ele visa promover formação e a promoção humana em aldeias indígenas ribeirinhas de difícil acesso na região amazônica, através de oficinas, rodas de conversa e trocas de saberes alinhadas à ecologia integral, à encíclica Laudato Si’ e à Campanha da Fraternidade 2025.

O projeto prevê 10 visitas formativas ao longo de 10 meses, com foco na valorização cultural, conscientização socioambiental e no fortalecimento dos direitos dos povos originários. Liderado por duas religiosas residentes na região, o projeto enfrenta grandes desafios logísticos e sociais. Serão abordados temas como a questão da água



A região das aldeias esta localizada a mais de 200 km pelo rio Guaporé (só via fluvial) até a sede da paróquia; a mais distante (Aldeia Ricardo Franco) fica a 370 km; Todas nomeadas pelas instituições do governo como “região de difícil acesso” fazendo com que pouquíssimos profissionais se dispunham a vir trabalhar nos estabelecimentos de educação e saúde da região.

O projeto vai apoiar, principalmente, o deslocamento, material didático e a alimentação dos educadores para a realização das atividades. O projeto vai beneficiar diretamente 720 indígenas, sendo 10 homens, 300 mulheres, 70 crianças, 200 adolescentes e 250 jovens. Indiretamente, o projeto vai beneficiar 670 indígenas.

918.969 pessoas estão sendo beneficiadas

Ao todo, previamente às quatro reuniões realizadas pelo FNS ao longo de 2025, foram recebidos 779 projetos na plataforma de inscrição. Destes, 539 foram validados para passarem à fase seguinte de análise e avaliação. Para passarem à fase seguinte, 280 projetos foram considerados aptos.

No total, 234 projetos foram aprovados para receber os recursos do Fundo Nacional de Solidariedade arrecadados na Coleta Nacional de Solidariedade da Campanha da Fraternidade 2025, cujo tema: “Fraternidade e Ecologia Integral”. Eles estão recebendo, juntos, um total de R\$ 7.236.241,9 e beneficiarão diretamente 201.446 pessoas e indiretamente 717.523, num total de 918.969 beneficiados.

Total de pessoas beneficiadas direta e indiretamente

Número de projetos aprovados por reunião	Diretamente beneficiadas	Indiretamente beneficiadas	Total de geral de pessoas beneficiadas
46 projetos	40.321	167.335	207.656
67 projetos	54.168	181.509	235.677
46 projetos	13.605	95.429	109.034
75 projetos	93.352	273.250	366.602
Total geral 234	201.446	717.523	918.969

O que é o Fundo Nacional de Solidariedade?



O Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) é o fundo criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida em Itaici-SP, na 36ª Assembleia Geral, em 1998.

Ele tem por objetivo promover a sustentação da ação sócio caritativa da Igreja no Brasil, através do auxílio financeiro a projetos sociais em todo o território brasileiro, de acordo com o tema da Campanha da Fraternidade.

Com o mesmo objetivo, foram criados também os Fundos (Arqui)Diocesanos de Solidariedade (FDS ou FAS). Seus recursos provêm da Coleta da Nacional da Solidariedade, realizada em todas as comunidades católicas do Brasil, no Domingo de Ramos, como gesto concreto da Campanha da Fraternidade e partilha das nossas renúncias quaresmais. A destinação da Coleta é feita da seguinte forma:

60% do total arrecadado permanece nas (arqui)dioceses e constituem o Fundo (Arqui)Diocesano de Solidariedade (FDS ou FAS), que é gerido pela própria (arqui)diocese, em vista de sua aplicação nas ações e projetos sociais estabelecidos dentro do território (arqui)diocesano.

40% do total arrecadado é enviado à CNBB e constitui o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS), que é gerido pelo seu Conselho Gestor, com o auxílio dos Departamentos Social e Financeiro da CNBB, e aplicado em ações e projetos sociais presentes em todo o território brasileiro.

Transparência e gestão

A aplicação dos recursos obedece rigorosamente aos eixos estabelecidos no Edital anual, bem como aos aspectos técnicos, administrativos e jurídicos, conforme a legislação brasileira.

Os dados detalhados dos repasses e a prestação de contas podem ser acompanhados no site do FNS: fns.cnbb.org.br - Por Willian Bonfim, com fotos de Fiana Tonhá - ASCOM CNBB

Fonte: CNBB

Igreja apresenta trajetória de preparação continental para a COP30 em painel sobre Governança Climática



Nesta terça-feira, 18 de novembro, o Auditório Uruçu, na Zona Verde da COP30, recebeu a atividade “Caminhos para a Governança Climática: a mobilização do processo Pré-COP”, mediada por Rocheli Koralewski, secretária da Articulação da Igreja Católica na COP30.

O painel reuniu o cardeal Jaime Spengler, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam); dom Paulo Andreoli, bispo auxiliar de Belém; Rabeca Silva, do Movimento Laudato Si’; e o professor Mario Tito Almeida, da arquidiocese de Belém.



Um itinerário de dois anos

Em sua intervenção, dom Jaime destacou que esta é sua primeira participação em uma Conferência do Clima e que ouviu de organizadores e participantes que a COP30 é, possivelmente, a edição com maior presença e incidência da Igreja Católica. A partir dessa percepção, apresentou o histórico do processo de preparação e mobilização do Celam e de diversas entidades eclesiais.

O cardeal explicou que, nos últimos dois anos, a Igreja na América Latina e no Caribe desenvolveu, em parceria com organizações da sociedade civil e de outros continentes, uma rota preparatória continental com foco na ecologia integral. Essa trajetória, denominada Arruta Laudate Deum, buscou garantir que “a voz dos povos e da natureza seja ouvida verdadeiramente”.

Segundo ele, a Arruta se estruturou em dois grandes eixos: articulação com a sociedade civil; e articulação dentro das Igrejas, acompanhada pela Comissão de Ecologia Integral da América Latina e Caribe e pelo Centro de Programas e Redes do Celam.

Essa plataforma, destacou dom Jaime, representa “uma experiência regional e intercontinental”, baseada na convicção de que a resposta à crise climática nasce prioritariamente dos territórios e comunidades locais, que defendem seus modos de vida e seus direitos de autodeterminação. Ao longo do percurso, diversas entidades eclesiais uniram forças em ações de incidência, mobilização e escuta dos povos.

Articulação inédita no Brasil

Dom Jaime também recordou o processo articulado no Brasil. Por iniciativa da presidência da CNBB, formou-se um grupo de trabalho com bispos, Repam, CRB, Movimento Laudato Si’, Cáritas Brasileira e Cáritas Latinoamericana. Esse grupo realizou um amplo processo de escuta, envolvendo mais de 80 entidades da Igreja, do campo educativo, religioso, institucional e ecumênico.

A integração continental ganhou força no encontro realizado em Brasília, que consolidou um espaço de coordenação entre o Celam, a CNBB e diversas organizações preparatórias da COP30. A formação também foi destacada como eixo essencial, com iniciativas como a jornada realizada em Bogotá, em abril, voltada à capacitação e à construção de estratégias conjuntas.

A voz profética do Sul Global

Como segundo ponto de sua exposição, dom Jaime apresentou o documento “Um Chamado para a Justiça Climática e a Casa Comum: conversão ecológica, transformação e resistência às falsas soluções”, elaborado por Conferências Episcopais da África, Ásia, América Latina e Caribe. Ele classificou o texto como um marco histórico, fruto de discernimento coletivo e de um processo sinodal entre Igrejas do Sul Global.

Inspirado na *Laudato Si’* e na *Laudate Deum*, o documento reforça a interdependência entre ser humano, sociedade e natureza, e afirma que a crise climática é uma questão de justiça e dignidade, não apenas técnica. Diante de um planeta que registrou 1,55°C de aquecimento em 2024, a mensagem é um chamado urgente à ação transformadora – rejeitando soluções falsas e insuficientes.

O cardeal ressaltou que a Igreja do Sul Global assume compromissos concretos: defender os mais vulneráveis em decisões climáticas, promover educação para a ecologia integral, incentivar economias solidárias e resgatar sabedorias ancestrais:

“Trata-se de uma resistência ao consumismo e de uma necessária transformação cultural”, afirmou.

Missão profética e esperança

Por fim, dom Jaime descreveu a Arruta Laudate Deum como uma reafirmação da missão profética da Igreja, que há décadas denuncia injustiças ecológicas e sociais no continente, mesmo

quando suas contribuições não alcançam plena visibilidade nos meios de comunicação ou nos espaços de decisão política e econômica.

Ao recordar que “o clamor da terra é também o clamor dos pobres”, ele afirmou que a COP30 representa uma oportunidade histórica de iniciar uma transformação estrutural real, impulsionada pela esperança que brota das comunidades.

“Que Deus nos ajude e que nós colaboremos nesse processo de transformação”, concluiu.

Fonte: CNBB

Painel na Zona Verde da COP30 discutiu o tema da Educação como caminho para a conversão à ecologia integral



Na manhã desta terça-feira (18/11), na última semana de discussões na COP30, que se encerra o dia 21 de novembro, em Belém, tivemos um painel realizado no Pavilhão da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), na Zona Verde da COP30, dedicado à Educação

Os combustíveis fósseis são um dos principais culpados pelas mudanças climáticas, contribuindo decisivamente para o aumento da temperatura global. O abandono do seu uso e a promoção de novos estilos de vida, educação e formação para uma conversão ecológica estrutural foram o tema de discussão do encontro.

Os participantes do debate: Juan Esteban Belderrain, assessor do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM); Carlos Greco, reitor da Universidade de San Martín (Argentina) e membro da Rede de Universidades para o Cuidado da Casa Comum (RUC); Darío Bossi, presidente da Rede Igreja e Mineração; e dom Lizardo Estrada, secretário-geral do CELAM. Um painel moderado por Agustina Rodríguez Saa, presidente da RUC.

RUC: Formando Líderes Conectados ao Território

O painel, segundo as palavras da moderadora, buscou refletir sobre o papel da educação no abandono dos combustíveis fósseis e na adoção de novos estilos de vida. Essa é uma das forças motrizes da RUC, uma rede que reúne universidades públicas e privadas, seculares e religiosas, garantindo a diversidade. A rede nasceu da inspiração da *Laudato si'*, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e do Acordo de Paris.

Mais de 200 reitores da RUC se encontraram com o Papa Francisco em 2023, como lembrou Rodríguez Saa. O pontífice enfatizou a necessidade de formar líderes e sua conexão com o território. Não podemos esquecer que a RUC tem presença na América Latina, na Península Ibérica e no Reino Unido. Isso confere maior importância à sua participação na COP30, dado o conhecimento que essas universidades têm do território.



Aceitando os Limites

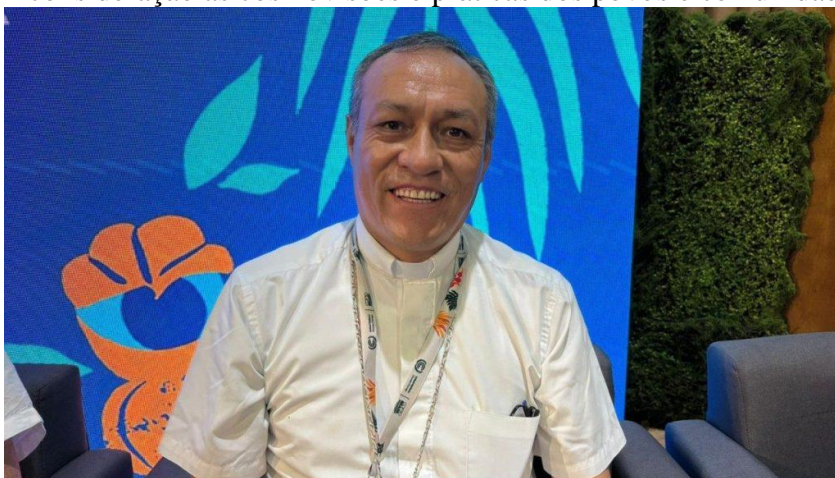
Darío Bossi abordou a questão dos combustíveis fósseis sob a perspectiva dos limites, especificamente a ausência de limites na sociedade atual, que põe em risco as gerações passadas e futuras. Este é um limite sobre o qual a comunidade científica vem alertando em relação à Mãe Terra, que se depara com o conceito central do capitalismo: o crescimento. O problema reside em conciliar crescimento e limites, especialmente diante de falsas soluções e verdades, “um desafio filosófico e cristão que devemos abraçar”, enfatizou o missionário comboniano.

O caminho a seguir envolve aceitar e lidar com os limites, confrontar a crescente desigualdade e responsabilizar aqueles que geram as maiores emissões. Requer a capacidade de cultivar uma vida que transcenda o consumo e o desperdício, abraçando a sobriedade feliz e aprendendo a viver feliz com menos. A transformação deve começar com a compreensão dos limites e suas implicações para a vida cotidiana, no transporte, na produção e na diversificação dos investimentos.

O papel profético da Igreja

O documento das Igrejas do Sul, em preparação para a COP30, do qual o CELAM é signatário, “Um Apelo à Justiça Climática e à Nossa Casa Comum”, norteou a intervenção de dom Lizardo Estrada. Este documento exige “ações transformadoras dos Estados, fundamentadas na dignidade humana, no bem comum, na solidariedade e na justiça social, priorizando os mais vulneráveis, incluindo nossa irmã Mãe Terra”.

O Secretário-geral do CELAM delineou alguns elementos necessários para a geração de novos estilos de vida. Isso envolve evitar impactos irreversíveis, buscando soluções que unam justiça, ecologia e dignidade humana, superando paradigmas tecnocráticos e extrativistas, com políticas climáticas baseadas na equidade e em responsabilidades comuns, porém diferenciadas. É essencial levar em consideração as cosmovisões e práticas dos povos e comunidades locais, enfatizou Estrada.



Para isso, o envolvimento das Igrejas é necessário, levando à rejeição de falsas soluções e à defesa da justiça climática; eliminar os combustíveis fósseis; rejeitar a mercantilização da natureza; condenar o capitalismo verde; fortalecer a resiliência e a resistência das comunidades; defender a soberania dos povos indígenas; promover novos paradigmas baseados na solidariedade, na justiça social, na cooperação e no respeito aos limites; implementar programas educativos sobre o cuidado da

nossa casa comum; cultivar a espiritualidade em todas as esferas; e criar o Observatório da Igreja para a Justiça Climática.

Isso está ligado a uma série de exigências feitas aos Estados quanto à implementação de mecanismos de governança climática com a participação ativa e vinculativa de todos. É necessário proteger as populações vulneráveis das mudanças climáticas por meio de um pacto climático global e de um financiamento climático transparente e acessível que transcenda as soluções puramente baseadas no mercado. Para tanto, as Igrejas do Sul Global clamam por uma conversão ecológica, inspirada pela espiritualidade do cuidado. Isso envolve educação em consciência ecológica, comunhão com as vítimas e o fomento do diálogo e da profecia eclesial.

Educação para gerar novos agentes de transformação

A educação é o principal meio de alcançar as mudanças necessárias para enfrentar a crise climática, segundo Juan Esteban Belderrain. Ele questionou a falta de representação do mundo educativo nos espaços de tomada de decisão, destacando a importância do painel.

O desafio, nas palavras do consultor do CELAM, é a necessidade de moldar o conteúdo educacional, uma questão que gera conflitos e dificulta o consenso. Devemos buscar uma educação para novos estilos de vida, o que exige a compreensão de que não há consenso sobre isso. Tudo isso visa gerar novos agentes de transformação. Isso vai além de materiais didáticos que abordam a sustentabilidade e exige uma transformação da lógica e das relações institucionais.



Uma dinâmica em vista de evitar o que ele chama de “efeito vacina” do discurso, que nos desafia a ajudar a conscientizar de que a mudança climática é uma consequência do atual sistema de produção capitalista. Essa conscientização necessária, como disse Paulo Freire, não basta; devemos ir além, oferecendo aos estudantes a possibilidade de outra lógica, de outra forma de se relacionar com a natureza. Belderrain alertou sobre a “globalização da impotência”, como a descreveu Leão XIV, que nos leva a encarar os problemas com a consciência de que não podemos mudá-los.

Educar para transformar

Na universidade, o fundamento é trabalhar com o conhecimento para transformar a vida das pessoas por meio da educação, o que representa uma responsabilidade, afirmou Carlos Greco. O objetivo é uma autonomia responsável construída por meio do engajamento com a realidade que enfrenta. Nessa perspectiva, a universidade gera conhecimento que fomenta a compreensão da realidade da qual fazemos parte. Este processo abrange todo o processo educativo e estende-se a outros grupos, exigindo acordos institucionais que nos ajudem a compreender que não possuímos a verdade absoluta e que nos permitam construir novos processos.

Para Greco, a universidade assume o compromisso com a educação, entendendo que os estudantes assumirão uma responsabilidade social de trabalhar pelo bem comum, o que vai além do diploma que recebem. Isto exige um conhecimento transversal, visando cultivar a consciência de que o que produzirão é para o bem comum e para a sustentabilidade, gerando assim uma consciência prática

baseada no conhecimento teórico e transmitindo às suas comunidades a consciência de criar um mundo melhor. Tudo isto se fundamenta no fato de que estes estudantes serão os líderes que moldarão as políticas públicas no futuro.

O desafio é concretizar “um capitalismo comprometido com o verdadeiro desenvolvimento, e não apenas com o crescimento”, sublinha o reitor. Isto requer investimento por parte dos governos, um desafio para os países do Sul Global, dados os seus elevados níveis de endividamento. Daí a necessidade de perdoar a dívida externa para melhorar as condições nos países em desenvolvimento, investindo na educação, um verdadeiro mecanismo de transformação social, concluiu.

Fonte: CNBB

Núncio Apostólico no Brasil chama a atenção para “o rosto humano da crise climática” em encontro de Alto Nível na COP30

O arcebispo Giambattista Diquattro, chefe adjunto da delegação da Santa Sé e Núncio Apostólico no Brasil tomou a palavra no encontro de Alto nível na COP30, nesta terça-feira, 18 de novembro, em Belém. Citando o Papa Leão XIV, reafirmou que a educação “deve combinar justiça social e justiça ambiental, promover a sobriedade e estilos de vida sustentáveis”.



Como nos lembrou o Papa Leão, devemos retornar ao coração, que “não é apenas o centro dos sentimentos e emoções, mas o locus da liberdade... O coração é o lugar onde a realidade externa tem o maior impacto, onde ocorre a busca mais profunda, onde se descobrem os desejos mais autênticos, onde se encontra a identidade última de cada um e onde se tomam as decisões. É somente retornando ao coração que a verdadeira transformação ecológica [de que precisamos] pode acontecer”.

Na sua fala diante de representantes de vários países, dom Giambattista recordou a Mensagem do Papa Leão XIV a COP30, no qual enfatizou que os desafios apresentados pelas alterações climáticas “colocam em risco a vida de todos neste planeta e, por conseguinte, exigem cooperação internacional e um multilateralismo coeso e orientado para o futuro, que coloque a sacralidade da vida, a dignidade inerente a cada ser humano e o bem comum no seu centro”.

O Núncio Apostólico destacou então quatro questões-chave: em primeiro lugar, o reforço de um “multilateralismo coeso e orientado para o futuro” é fundamental, disse. As alterações climáticas não conhecem fronteiras e, por conseguinte, exigem esforços. “Isto dá-nos a oportunidade de compreendermos coletivamente que «somos uma só família humana. Não existem fronteiras nem barreiras, políticas ou sociais, atrás das quais nos possamos esconder, muito menos espaço para a globalização da indiferença». «A dignidade das pessoas deve prevalecer, de modo que a ética prevaleça sobre os interesses locais ou contingentes»”.

Em segundo lugar, o Núncio Apostólico destacou que para manter o aumento da temperatura global dentro do limite de 1,5°C, é essencial garantir uma transição justa e equitativa. Essa transição deve levar em consideração a decisão adotada na COP28 em Dubai de “transição para longe dos combustíveis fósseis”, tendo em mente que as consequências das mudanças climáticas afetam principalmente os mais pobres e vulneráveis.



Rosto humano da crise climática

Já em terceiro lugar, o representante da Santa Sé chama a atenção para “o rosto humano da crise climática”, que deve sempre inspirar o trabalho da COP. Nessa perspectiva, a Santa Sé espera que o Plano de Ação de Gênero (GAP) reconheça que mulheres e meninas são afetadas de forma desproporcional pelas mudanças climáticas, particularmente no Sul Global, e o importante papel que desempenham no enfrentamento dessa crise.

Dom Diquattro reafirmou que também nesse contexto, é essencial “buscar uma linguagem comum e consenso, deixando de lado os interesses egoístas, tendo em mente a responsabilidade mútua e as futuras gerações”. Uma abordagem construtiva e agir de boa-fé são importantes para forjar consenso e manter o objetivo principal firmemente em mente: o florescimento das mulheres de hoje e das gerações futuras.

Como quarta questão o Chefe Adjunto da Delegação da Santa Sé destaca que nesta transição justa e equitativa, os recursos econômicos e operacionais são necessários, mas não suficientes. Acrescenta que “não podemos atingir os objetivos do Acordo de Paris a menos que as soluções políticas e técnicas sejam acompanhadas por um processo educativo que proponha novas formas sustentáveis de viver e cuidar da criação”.

Justiça social e ambiental

Citando o Papa Leão XIV, reafirma que a educação “deve combinar justiça social e justiça ambiental, promover a sobriedade e estilos de vida sustentáveis e formar consciências capazes de escolher não apenas o que é conveniente, mas o que é justo”.

Desta perspectiva, é crucial reforçar o papel transversal da educação para garantir que as metas de mitigação sejam cumpridas, os desafios da adaptação sejam enfrentados, os meios de implementação sejam reforçados, as perdas e os danos sejam evitados e que se alcancem progressos.

Concluiu dizendo que é encorajador que muitos Estados Partes, como a Santa Sé, tenham recentemente introduzido componentes educativos nas suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) nesta segunda ronda de submissões. “Este é um caminho que deve continuar a ser trilhado”, finalizou dom Diquattro.

Fonte: CNBB

Leão XIV às Igrejas do Sul Global na COP30: Amazônia sinal vivo da criação

Um dos legados da COP30 para a cidade de Belém é o Museu das Amazônias. Nesta segunda-feira, 17 de novembro, as Igrejas do Sul Global contribuíram com mais uma peça para seu acervo. Trata-se de uma rede que acompanhou os trabalhos do Sínodo para a Amazônia, realizado em outubro de 2019 no Vaticano. A entrega da peça foi acompanhada por uma mensagem em vídeo do Papa Leão XIV.

Silvonei José e padre Luis Miguel Modino – Belém



Papa Leão XIV - mensagem em vídeo às Igrejas do Sul Global na COP30.

O Santo Padre enviou uma saudação às Igrejas particulares do Sul Global reunidas no Museu das Amazônias, em Belem, com a qual ele quis acompanhar a voz profética dos cardeais que representam essas Igrejas: Jaime Spengler, Fridolin Ambongo e Felipe Neri Ferrão, presentes na COP30, a cúpula do Clima organizado pela ONU, **“dizendo ao mundo com palavras e gestos que a Amazônia continua sendo um sinal vivo da criação com uma urgente necessidade de cuidado”**, como afirma o Papa em sua mensagem.

Leão XIV reconhece que “escolheram a esperança e a ação frente à desesperação, construindo uma comunidade global que trabalha em conjunto”. Além disso, ressalta que **“tem se alcançado avanços, mas não suficientes”**. Diante dessa situação, reconhece que “a esperança e a determinação devem se renovar, não só com palavras e aspirações, mas também com ações concretas”.

A mudança climática não é algo distante

O Papa cita alguns dos clamores da criação: “enchentes, secas, tormentas e um calor implacável”. Uma situação que faz com que “uma em cada três pessoas viva em grande vulnerabilidade em consequência dessas mudanças”. Diante dessa realidade, denuncia que **“para eles, a mudança climática não é uma ameaça distante”**. Por isso, **“ignorar essas pessoas é negar nossa humanidade compartilhada”**.

Em suas palavras, o Santo Padre reconhece que “ainda há tempo para manter o aumento da temperatura global abaixo de 1,5 °C, mas a janela está se fechando. Como custódios da criação de Deus, somos chamados a agir com rapidez, fé e profecia para proteger o dom que Ele nos confiou”.



Momento da mensagem em vídeo do Papa

Não falha o Acordo de Paris, mas nossa resposta

Nas palavras do pontífice, “o Acordo de Paris tem impulsionado um progresso real e continua sendo nossa ferramenta mais poderosa para proteger as pessoas e o planeta. Mas devemos ser honestos”, disse, **“não é o Acordo que está falhando, senão nossa resposta. O que está falhando é a vontade política de alguns. A verdadeira liderança implica serviço e apoio em uma escala que possa fazer a diferença. Ações climáticas mais contundentes criarão sistemas económicos mais sólidos e justos. Medidas políticas e climáticas firmes constroem uma inversão em um mundo mais justo e estável”**.



A rede doada.

Ao mesmo tempo, reconhece Leão XIV que “junto com cientistas, lideranças e pastores de todas as nações e credos, **somos guardiões da criação, não rivais por seus bens**. Enviemos juntos uma mensagem global clara: nações que permanecem unidas na firme solidariedade com o Acordo de Paris e a cooperação climática.”

Finalmente, antes de pedir que “Deus abençoe a todos em seus esforços por seguir cuidando a criação de Deus”, o Papa pede: “**que este Museu Amazônico seja recordado como o espaço onde a humanidade escolheu a cooperação frente à divisão e a negação**”.

Fonte: Vatican News

Papa recebe bispos espanhóis: diálogo sobre o caminho da Igreja na Espanha

Evangelização, proteção de menores e sinais de uma renovada busca espiritual estiveram no centro da audiência de cerca de uma hora do Pontífice com a Conferência Episcopal Espanhola.

Rocío Lancho Garcia – Cidade do Vaticano

Durou cerca de uma hora a audiência realizada nesta segunda-feira, 17 de novembro, do Papa Leão XIV com a Comissão Executiva da Conferência Episcopal Espanhola (CEE). A audiência havia sido solicitada pelos prelados poucos dias após a eleição do Pontífice, ocorrida no último dia 8 de maio, e confirmada no mês de setembro.



Papa com os membros da Comissão Executiva da Conferência Episcopal Espanhola (@VATICAN MEDIA)

Anúncio do Evangelho e iniciação cristã

Ao término do encontro, o arcebispo de Valladolid e presidente da CEE, dom Luis Argüello, explicou que, com o Papa, foram analisadas “as diferentes etapas pelas quais está passando a Igreja espanhola”. Entre os temas abordados, “o forte desejo de anunciar o Evangelho”; “os desafios da iniciação cristã”; “a organização territorial das dioceses”; a chegada de numerosos fiéis provenientes de outros países; a presença dos leigos na vida pública; a situação dos religiosos e das monjas de clausura, uma tradição “extraordinariamente rica”, mas hoje marcada por um declínio numérico. O prelado mencionou ainda “a realidade do clero” na Espanha, enriquecida pelo ingresso de novos sacerdotes vindos da Iberoamérica e da África.



Papa com bispos da Espanha (@VATICAN MEDIA)

O plano PRIVA e o compromisso na proteção das vítimas de abusos

Um capítulo importante do encontro tratou do trabalho iniciado pela Igreja espanhola “por impulso da Santa Sé” no campo da prevenção, da formação e da reparação das vítimas de abusos, por meio do chamado plano PRIVA. Trata-se de um programa destinado a oferecer reparação integral a pessoas que, quando menores ou em condição equivalente, tenham sofrido abusos no âmbito de dioceses, congregações religiosas ou outras realidades eclesiais, em casos já prescritos ou cujo autor tenha falecido. “O plano – explicou Argüello – levou à criação de uma comissão de reparação que, pelo que vemos, está acolhendo as vítimas de maneira satisfatória”.

O prelado informou ainda que o Papa está a par da situação do bispo de Cádiz e Ceuta, Rafael Zornoza, acusado de abusos sexuais nos anos 1990 enquanto dirigia o seminário de Getafe. “O Santo Padre, evidentemente, está informado, mas não nos disse mais nada”. Segundo dom Argüello, em breve o bispo poderá apresentar sua renúncia.



Leão XIV com o presidente da Conferência Episcopal Espanhola, dom Argüello (@VATICAN MEDIA)

O convite ao Papa para visitar a Espanha

A audiência também foi ocasião para renovar o convite ao Pontífice para visitar a Espanha. “Saímos com a esperança de que a visita possa se realizar em um futuro não distante – afirmou o presidente da CEE – para que o Papa possa conhecer algumas realidades vivas de nossa Igreja”.

Respondendo às perguntas dos jornalistas, dom Argüello acrescentou que Leão XIV “disse estar informado sobre o ressurgimento de um interesse espiritual e religioso”, particularmente evidente entre os jovens, ainda que em um contexto sociologicamente distante da prática eclesial. Observam-se, de fato, sinais de crescimento no número de retiros espirituais, nas experiências comunitárias mais dinâmicas e na solicitação do Batismo por parte de adultos. Os bispos confirmaram ao Pontífice outro dado significativo: o aumento de seminaristas em relação ao ano passado.

Evangelização em uma sociedade pós-secular

Segundo Argüello, esses sinais se inserem na reflexão mais ampla realizada com Leão XIV, dedicada à missão evangelizadora em uma sociedade que “já não é apenas secularizada, mas possivelmente pós-secular”. “Nessa situação – explicou – surgem novas formas de busca, entre as quais a espiritual e a do Evangelho”.

Os prelados constataram o profundo conhecimento da realidade espanhola por parte do Papa Leão, adquirido tanto durante seus anos de vida agostiniana quanto no serviço ao Dicastério para os Bispos. Entre outros temas discutidos, figurou também o Jubileu, “em particular o dos jovens, celebrado no início de agosto”. A delegação da CEE presenteou o Papa com uma Bíblia encadernada com a tradução oficial da Conferência Episcopal, dois números da revista *Ecclesia* dedicados à sua figura e uma contribuição destinada à caridade do Pontífice.



Foto ao final da audiência (@VATICAN MEDIA)

Encontro também com o cardeal Parolin

Durante a visita a Roma, a Comissão Executiva pôde também se encontrar com o cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin. O encontro foi ocasião para “aprofundar as questões em aberto nas relações entre Igreja e Estado na Espanha”, lembrando as conversas recentes do purpurado com o ministro da Justiça e, mais recentemente, com o presidente Pedro Sánchez, à margem da Cop30 no Brasil.

Fonte: Vatican News

Jubileu dos Coros terá maratona de concertos no fim de semana em Roma

No final da tarde de sábado (22/11), primeiro dia de jubileu, 40 coros da Itália e também de outros países, como de Portugal e Equador, irão animar as missas vespertinas com breve concerto ao final. O site do Jubileu da Esperança traz o elenco de horários, paróquias e grupos que irão cantar. O encontro com o Papa Leão XIV acontece durante audiência jubilar no sábado (22/11) e na missa no domingo (23/11), ambas na Praça São Pedro e com transmissão ao vivo em português nos canais do Vatican News.

Andressa Collet - Vatican News



O Jubileu dos Coros, marcado para o próximo final de semana, será o terceiro e último temático do mês de novembro, além de ser o penúltimo grande evento do Ano da Esperança já que o calendário oficial ainda prevê o Jubileu dos Detentos em 14 de dezembro. Na expectativa dos próximos dias 22 e 23 de novembro, a cidade de Roma será envolvida por concertos oficiais do Vaticano e apresentações artísticas, começando por aquele beneficiante nesta quinta-feira (20/11) na Sala Paulo VI: por ocasião do Dia Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, a banda musical da Aeronáutica Militar da Itália vai promover um concerto beneficiante em apoio ao Hospital Pediátrico Bambino Gesù, o Hospital do Papa. No dia seguinte está previsto outro evento institucional, desta vez organizado pelo

Dicastério para a Evangelização, quando o Coro Feminino de Gori, da Geórgia, premiado internacionalmente pela excelência artística na versatilidade de gêneros - da música clássica ao jazz e à eletrônica e também tradições urbanas e folclóricas - irá se apresentar no Pantheon, às 17h30 do horário local. Já no domingo (23/11), na Basílica de Santa Maria Maior às 20h, o concerto ficará a cargo daquele que é considerado o principal coro da Igreja na Geórgia, o Coro Patriarcal da Catedral de Santa Trindade da Geórgia que em 2022 recebeu o estatuto de Coro da Câmara de Estado. O repertório inclui cantos polifônicos únicos daquele país e música contemporânea.

O Jubileu dos Coros encontra o Papa

Já as atividades jubilares dos peregrinos ficarão concentradas no final de semana. No sábado (22/11), a partir das 10h do horário italiano, 6h do horário de Brasília, o Papa vai acolhê-los na Praça São Pedro com transmissão ao vivo em português dos canais do Vatican News. Após a audiência, está prevista a peregrinação e passagem pela Porta Santa da Basílica de São Pedro. À tarde, os peregrinos poderão dar sequência às Portas Santas de São João de Latrão, São Paulo Fora dos Muros e Santa Maria Maior, com possibilidade de receber o Sacramento da Reconciliação nas basílicas jubilares.

Segundo a Feniarco, a Federação Nacional Italiana de Associações Regionais de Corais, os membros foram convidados a participar de dois diferentes momentos: o primeiro, no início da tarde, intitulada Cerimônia da Paz, reservada aos coros de crianças, adolescentes e jovens; e o segundo, à noite, na Igreja de São João Bosco, quando os coros aderentes à proposta se unirão num único grande coral para executar 4 músicas selecionadas e extraídas do Messias de Händel com o acompanhamento de uma orquestra de Roma.

Para o final da tarde de sábado (22/11), 40 coros da Itália e também de outros países, como Portugal e Equador, irão animar as missas vespertinas. O site oficial do Jubileu da Esperança traz o elenco de horários, paróquias e grupos que irão inclusive fazer um breve concerto ao final de cada celebração eucarística. Para o domingo (23/11), Solenidade de Cristo Rei do Universo, mais um encontro com o Papa, desta vez para a celebração eucarística na Praça São Pedro: a missa começa às 10h30 na Itália, 6h30 no horário de Brasília, sempre com transmissão ao vivo com comentários em português nos canais do Vatican News.

“Este é o tempo da esperança!”

O Jubileu dos Coros está sendo organizado pelo Dicastério para a Evangelização para celebrar o poder da música sacra na vida da Igreja e valorizar o papel dos coros litúrgicos como instrumentos de evangelização e comunhão. As atividades do final de semana prometem reunir, assim, peregrinos ativos em coros de todo o mundo no coração da Igreja católica para o penúltimo jubileu temático do Ano da Esperança.

De fato, todo o período jubilar acaba sendo caracterizado por um rico calendário de eventos religiosos, culturais e sociais: além das celebrações e audiências dirigidas aos fiéis, o Ano Santo é marcado por vários “jubileus” dedicados a diferentes pessoas, identificadas com base em profissões específicas ou em seu papel dentro da família, da Igreja e da sociedade. Cada um deles prevê momentos de reflexão e espiritualidade, normalmente com uma missa conclusiva celebrada pelo Pontífice. Iniciado oficialmente pelo Papa Francisco com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro em 24 de dezembro de 2024, o Jubileu de 2025 é o 28º Jubileu da história da Igreja Católica: “irmãos e irmãs, este é o Jubileu, este é o tempo da esperança!”, disse o Pontífice argentino depois que abriu a Porta Santa, a porta da esperança escancarada para o mundo e quando Deus diz a cada um: “há esperança também para você!”.

Fonte: Vatican News

O encontro do Papa com os bispos italianos nesta quinta-feira, na Porciúncula, em Assis

A leitura do Pe. Fabio Nardelli, eclesiólogo, sobre o encontro entre o Papa e os bispos no final da 81ª Assembleia da Conferência Episcopal Italiana (CEI). A entrevista intitulada "Porciúncula, coração da sinodalidade" foi divulgada pelo site oficial do santuário em Assis.

Vatican News



A Porciúncula, na cidade italiana de Assis, irá receber Leão XIV nesta quinta-feira (20/11) para o encontro conclusivo com os bispos no final da 81ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana que começou nesta segunda-feira (17/11). Segundo o [site oficial do Santuário da Porciúncula](#), o encontro está previsto para às 9h30 do horário local na Basílica de Santa Maria degli Angeli, o lugar mais querido por São Francisco.

Com Leão XIV, a Porciúncula volta a ser um lugar de comunhão entre o Papa e os irmãos no episcopado. Na véspera desse momento, o Pe. Fabio Nardelli, professor de Eclesiologia na Pontifícia Universidade Lateranense, na Pontifícia Universidade Antonianum e no Instituto Teológico de Assis, nos ajuda a compreender o valor sinodal e missionário do encontro entre Leão XIV e os bispos.

Pe. Fabio, a Assembleia Geral da CEI encerra-se precisamente em Assis, com o encontro do Papa na Porciúncula: que significado assume este momento para a Igreja italiana? Podemos dizer que marca um novo ponto de partida após o longo caminho sinodal?

É certamente um momento de relançamento. A 81ª Assembleia Geral da CEI, que termina na Porciúncula, tem a tarefa de traduzir em orientações pastorais o documento final da assembleia sinodal, votado em 25 de outubro. Não se trata de um ponto de chegada, mas de uma nova etapa do caminho. Os bispos italianos se reúnem para ouvir esse texto, a fim de traduzi-lo em objetivos concretos e continuar a caminhar juntos nas diferentes Igrejas do país. O trabalho não é teórico, mas prático: trata-se de compreender como ser uma Igreja sinodal e missionária. É uma questão cara tanto ao Papa Francisco quanto ao Papa Leão XIV, que desde o início de seu ministério insistiu nesse “como” eclesial.

“E que tudo isso aconteça justamente na Porciúncula, lugar onde Francisco de Assis reunia seus frades para discernir juntos como viver a Regra, é muito significativo: também hoje a Igreja se reúne para buscar caminhos concretos de fidelidade ao Evangelho.”

Nesta Assembleia Geral, os bispos são chamados a debater as prioridades pastorais após o Caminho Sinodal. Que novas orientações poderão surgir para a vida da Igreja italiana nos próximos anos?

O documento final identifica três grandes direções de trabalho. A primeira é a conversão da mentalidade: não se conformar com a mentalidade do mundo, como lembra São Paulo (Rm 12,2), mas deixar-se transformar pelo Espírito. Esse é o primeiro passo de toda renovação eclesial. A segunda direção é a de uma formação sinodal e missionária para todos os batizados. O Papa Leão XIV preza muito pela formação entendida como um caminho de amadurecimento espiritual e comunitário, acessível a todos os cristãos. Creio que este seja um ponto crucial para a Assembleia: perguntar-se como traduzir esse caminho de formação para todos os discípulos missionários. A terceira direção é a corresponsabilidade na missão e na orientação das comunidades. Trata-se de compreender como pastores e leigos podem caminhar juntos na evangelização e na vida da Igreja. A esse respeito, é importante sublinhar que a sinodalidade não anula a dimensão da autoridade, mas a transfigura: pastores e povo, unidos no Espírito, compartilham a responsabilidade do Evangelho. Além disso, há outro elemento importante: a atenção da Igreja ao tema das relações, ao tecido de relações autênticas e maduras, também na ótica de uma renovação pastoral do caminho da iniciação cristã. São esses os temas sobre os quais os bispos deverão interrogar-se nestes dias: acima de tudo, perguntando-se “como” os implementar.

Às vésperas do centenário da morte de São Francisco, que perspectivas se abrem para a Igreja italiana e universal ao conjugar a sinodalidade com o espírito de fraternidade e humildade que brota precisamente da Porciúncula?

Tentei comparar o texto da homilia do Papa Leão, por ocasião do início do Ministério Petrino em 18 de maio de 2025, com a mensagem essencial da Porciúncula. O Papa Leão XIV propõe a imagem de uma Igreja como “sinal de unidade” com algumas características específicas: que abre os braços ao mundo, que anuncia a Palavra e que se deixa inquietar pela história. Essa visão combina perfeitamente com a mensagem da Porciúncula: esta pequena porção de terra está inserida dentro da basílica que acolhe o mundo inteiro, remetendo precisamente à dimensão da universalidade da Igreja. Em segundo lugar, uma Igreja que anuncia a Palavra, e sabemos bem como Francisco recebe a Palavra na Porciúncula e, a partir da Porciúncula, envia seus frades para anunciá-la.

E, então, uma Igreja que se deixa inquietar pela história. Gostaria de me deter particularmente nesse verbo, porque é uma expressão particularmente cara ao Papa. “Inquietar” no sentido propositivo e belo do termo: poderíamos dizer deixar-se inquietar diante dos sinais dos tempos que nos interpelam, nos provocam e nos questionam: como, por exemplo, ouvir os pobres, ouvir as diversidades, ouvir a interculturalidade. É uma inquietação boa, evangélica, que nos impele a caminhar. A Igreja é chamada, portanto, a ser fermento de unidade e de concórdia: pequena como o fermento do Evangelho, mas capaz de fermentar toda a massa.

Pode-se ver neste encontro entre o Papa Leão XIV e os bispos na Porciúncula um paralelo espiritual com Francisco, que reúne seus frades no mesmo lugar?

A semelhança é sugestiva, embora com as devidas diferenças. Francisco convocava seus frades para viver a comunhão na unidade e na diversidade, para discernir juntos como levar o Evangelho ao mundo. Assim também o Papa, como Bispo de Roma e Primaz da Itália, se reunirá com os bispos para compartilhar uma experiência de comunhão e missão. Um encontro que é sinal concreto da comunhão na Igreja, orientada para a missão, para a evangelização.

“Este é, afinal, o coração da Porciúncula: um lugar onde a fraternidade se torna missão.”

Fonte: Vatican News

A oliveira da Expo de Osaka, um presente que cria raízes no futuro

A árvore, plantada nas proximidades da Catedral St. Mary de Osaka-Takamatsu, torna-se um sinal concreto de amizade e memória compartilhada entre o Japão e a Santa Sé. Doada pelo Pavilhão da Santa Sé da Expo 2025, a planta foi abençoada pelo cardeal Thomas Aquino Manyo Maeda, na presença de autoridades civis e culturais. Um gesto simples, porém eloquente, que remete ao caminho de diálogo e reconciliação iniciado em memória das tragédias de Hiroshima e Nagasaki.

Maria Milvia Morciano – Cidade do Vaticano



“Oferecemos agora uma oração de bênção, esperando que esta oliveira crie raízes, estenda seus ramos, dê frutos abundantes e produza o fruto da paz e da esperança no coração de muitos.” Com estas palavras, o cardeal Thomas Aquino Manyo Maeda concluiu a cerimônia de bênção de uma das oliveiras doadas pelo Pavilhão da Santa Sé da Expo 2025, realizada nesta segunda-feira, 17 de novembro, na Catedral St. Mary de Osaka-Takamatsu. A árvore, presente na Exposição Universal em

memória do 80º aniversário dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki, plantada no jardim diante da catedral, torna-se agora um sinal vivo de reconciliação e memória.

As autoridades presentes

Participaram da celebração o embaixador cessante do Japão junto à Santa Sé, Chiba Akira, que acompanhou o projeto desde as primeiras fases; a maestrina e diretora de orquestra Tomomi Nishimoto, protagonista do concerto oficial do Dia Nacional da Santa Sé na Expo 2025; o diretor do Pavilhão da Santa Sé, Stefano Riccardi; e o pároco da catedral, Padre Nuno Lima.



O momento da bênção da oliveira

O valor diplomático da iniciativa

Em seu discurso, Stefano Riccardi destacou o alcance simbólico do evento: “Essas oliveiras representaram um elemento central do nosso Pavilhão, um sinal simples, porém poderosíssimo, da vontade da Santa Sé de construir pontes de diálogo. A diplomacia cultural é um instrumento essencial para aproximar os povos, e a presença da Santa Sé na Expo 2025 foi um chamado universal à paz. Ver hoje essas árvores ganharem nova vida no Japão reforça o profundo vínculo que une a Santa Sé e o Japão.”

A segunda oliveira em Hirado

Uma segunda oliveira será apresentada nesta terça-feira, 18 de novembro, em Hirado, na província de Nagasaki, lugar central na história das relações entre Japão e Santa Sé. As árvores, cuidadas durante os meses da Exposição, são agora confiadas às comunidades locais, para que preservem sua mensagem.

Pontes de paz

A maestrina Nishimoto definiu as oliveiras como “pontes de paz”, oferecidas não apenas como presente, mas como gesto de responsabilidade: sinais destinados a viver muito além dos dias da Expo e a criar raízes, de maneira concreta e simbólica, em solo japonês. A cerimônia sóbria e intensa de Osaka-Takamatsu renova assim um vínculo histórico, oferecendo ao país um novo símbolo de memória e esperança.

Fonte: Vatican News

A vida por um fio”: “A agenda climática atualmente é a agenda da vida”

No Pavilhão da Organização de Estados Ibero-americanos (OEI), na Zona Verde da COP30, nesta segunda-feira 17 de novembro o debate sobre o tema “A vida por um fio: adaptação, mitigação e transição energética justa, transparência e responsabilidade no Sul Global”.

Padre Luis Miguel Modino – Belém



Debate sobre o tema “A vida por um fio: adaptação, mitigação e transição energética justa, transparência e responsabilidade no Sul Global”.

Ser defensor dos direitos humanos se tornou um risco em diversos lugares do Planeta. Para defender esses defensores existe a campanha “**A vida por um fio**”, focada nos líderes sociais que trabalham na proteção da Casa Comum na América Latina. Dela faz parte a Igreja Católica, e durante o Jubileu da Esperança tem realizado diversas atividades.

Responsabilidade comum

Uma delas aconteceu no Pavilhão da Organização de Estados Ibero-americanos (OEI), na Zona Verde da COP30, nesta segunda-feira 17 de novembro, com a presença do presidente de Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho (CELAM), cardeal Jaime Spengler, o presidente da Federação de Conferências Episcopais da Ásia (FABC), cardeal Felipe Neri Ferrão, o presidente da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), cardeal Barreto, e a representante da Caritas Brasileira, Valquiria Lima. Juntos debateram sobre o tema “**A vida por um fio: adaptação, mitigação e transição energética justa, transparência e responsabilidade no Sul Global**”.

Solidariedade com os líderes ameaçados

O cardeal Spengler recordou que a campanha, liderada por diversas instituições, dentre elas o CELAM, o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e a Pontifícia Comissão para a América Latina (PCAL), foi lançada em 10 de dezembro de 2024 na Sala Stampa vaticana, coincidindo com o Dia Internacional dos Direitos Humanos, e tem como lema: “tecendo futuros, protegendo vidas”. O objetivo é “**desenvolver diversas ações solidárias com os líderes que estão sendo ameaçados por seu trabalho em defesa dos direitos humanos e da casa comum**”, salientou o presidente do CELAM.



Durante o encontro

O arcebispo de Porto Alegre (RS) recordou que entre 2012 e 2024 foram registrados 2.253 assassinatos e desaparecimentos de defensores do meio ambiente e do território em todo o mundo, 146 em 2024, 48 deles na Colômbia. Vidas que em palavras de Spengler, “nos interpelam e nos mobilizam a levantar nossas vozes para que eles e tantas outras comunidades que zelam pela defesa dos direitos socioambientais e dos direitos humanos não continuem sendo vítimas da violência e de uma economia que mata, como costumava dizer o Papa Francisco”. Segundo ele, “**a vida do planeta está por um fio**,

assim como a dessas pessoas, verdadeiros mártires da nossa Casa Comum, que derramaram seu sangue pela defesa de seus territórios e pelo cuidado do planeta”.



Participantes do encontro

Garantir informações verdadeiras

“A agenda climática atualmente é a agenda da vida”, segundo Valquíria Lima, que fez um chamado a colocar no centro essa agenda. A representante da Caritas insistiu na necessidade de garantir informações verdadeiras, de combater a indústria da mentira, grande inimiga do combate às mudanças climáticas. Uma indústria da mentira ao serviço do lucro, o que demanda, diante do risco da desinformação na sociedade atual, garantir informações na íntegra, que segundo Valquíria Lima “é um ato de coragem”. A mentira, que se tornou instrumento de manipulação, muitas vezes através das redes sociais, leva a desacreditar relatórios dos cientistas, e faz com que a desinformação distorça o debate público.

Sair juntos da crise

Enfrentar a crise climática é uma responsabilidade comum, segundo o cardeal Pedro Barreto. Em suas palavras, ele ressaltou que “**estamos ameaçados como humanidade**, o que exige ações urgentes e consensuais em favor da vida e do cuidado da casa comum”. O cardeal peruano lembrou que os mais vulneráveis, entre eles os povos da Amazônia, são os que menos influenciam a mudança climática, porém os mais afetados.

Dessa crise climática só é possível sair juntos, porque somos membros de uma mesma família humana, como dizia Papa Francisco. Algo que exige agir agora, como o presidente Lula insistiu no início desta COP, ainda mais pelo fato de realizá-la na Amazônia. Para isso, Barreto destacou que a Igreja, de maneira desinteressada e firme, quer colaborar nessa tarefa, dada a fé no Deus Criador. Um caminho no qual é necessário unir a ciência com a fé, neste tempo oportuno, neste Kairos, que chama a trabalhar juntos.

O Trabalho da Igreja na Ásia

“Na Ásia, estamos vivenciando com grande intensidade os efeitos desastrosos da crise climática”, declarou o Cardeal Ferrão. Diante dessa realidade, “em março passado, por ocasião do décimo aniversário da Laudato Si’, a Federação das Conferências Episcopais da Ásia publicou **uma carta pastoral dirigida a todas as Igrejas da Ásia sobre o cuidado da nossa casa comum, um apelo à conversão ecológica**”.

Um texto que, segundo o Cardeal, “**destaca a devastação que a crise climática está causando em todo o continente asiático**. Ao mesmo tempo, descrevemos os diversos sinais de esperança que estão surgindo na Ásia como resposta das nossas comunidades às consequências desastrosas da crise climática, e lançamos um apelo à ação para que todas as pessoas, comunidades, governos e líderes religiosos respondam à crise climática”.

Importância da Educação Ambiental

Uma necessidade é a educação ambiental, com um investimento de qualidade para garantir seu papel fundamental. Essa educação vai reforçar esse caminho, dado que vai providenciar informação

íntegra e verdadeira, evitando que o debate entorno do clima se degrade. Uma educação que vai ajudar no progresso social, no avanço da democracia, combatendo tudo aquilo que cria confusão na mente do povo. Junto com isso, a importância da família como escola de educação integral, que favoreça a integralidade da pessoa humana e da criação de Deus.

Fonte: Vatican News

Irmã Irene Lopes, uma vida dedicada à defesa dos povos da Amazônia e do meio ambiente

A Repan está presente na COP30, refletindo sobre 10 anos de trabalho em prol da proteção da Amazônia e dos direitos dos povos indígenas. A participação da igreja é fundamental, destacando o papel dos leigos e das mulheres, e a necessidade de dar voz aos povos originários diante das ameaças que enfrentam. A entrevista com Irmã Irene Lopes é a secretária executiva da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) e assessora da Comissão Episcopal para a Amazônia.

Silvonei José – Belém

Irmã Irene Lopes é a secretária executiva da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) e assessora da **Comissão Episcopal para a Amazônia**. É uma figura importante na Igreja Católica na Amazônia, atuando em defesa dos povos e do meio ambiente.

Com a convocação do Sínodo para a Amazônia, Ir. Maria Irene Lopes foi nomeada para fazer parte do Conselho Pré-Sinodal, na preparação do Sínodo. Então, com muito empenho e dedicação, a religiosa conduziu os processos do Sínodo nas mais diversas realidades da Amazônia brasileira. Em outubro de 2019, foi convidada pelo Papa Francisco a participar do Sínodo como auditora. A Rádio Vaticano – Vatican News conversou com ela na COP30, em Belém.



Irmã Irene Lopes



COP30 - Simpósio da Igreja Católica

Irmã, a REPAM se faz presente na COP30, e se faz presente para trazer uma reflexão muito mais profunda, colocando as pessoas no centro, como se pode ver em tantos desses momentos e eventos criados pela própria REPAM. Que REPAM está presente na COP30?

Na verdade, a gente tem um processo de 10 anos, nós não começamos agora. E hoje mesmo, pela manhã, a gente tinha todo processo que aconteceu aqui, a gente traz esse momento de 10 anos, de 11 anos, na verdade, de história. E essa história começou lá com o dom Cláudio Hummes, com o dom Erwin e com tantos outros bispos que sonharam com esse processo, com o Papa Francisco, que foi aquele grande inspirador da REPAM, e nós temos esse legado hoje, fazer com que isso aconteça de forma muito concreta na COP30.

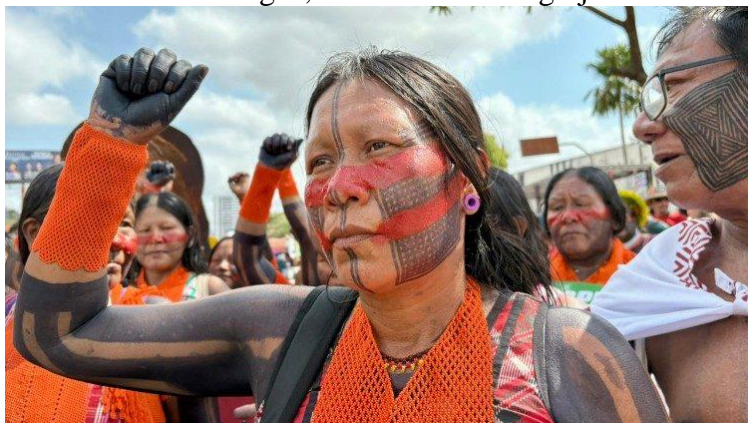
Quando a gente estava se preparando para a COP30, a gente lembrava daquelas pessoas que também marcaram a história da Rede e que sonhavam. Com certeza dom Cláudio era daqueles que dizia muito, e todo tempo dizia da importância de cuidar da casa comum. Então a nossa preocupação como Rede, como REPAM, como outras instituições que fazem parte da Rede também, é esse cuidado com a casa comum. E cuidar da casa comum é cuidar das pessoas, é cuidar do meio ambiente, é cuidar de tudo aquilo que nós estamos podendo presenciar também nesses dias aqui na própria Amazônia.

Vivendo essa experiência concreta aqui na Amazônia a Igreja está presente na COP.

E isso é uma realidade bonita que a gente vê através da presença dos nossos bispos, dos nossos cardeais, dos nossos sacerdotes e dos nossos leigos engajados. Com certeza, eu acho que sem os leigos, sem a vida religiosa, sem essas pessoas, não existiria a igreja. E a igreja da Amazônia, ela é feita de leigos, então a importância da participação dos leigos dos jovens. Nós estamos aqui esses dias com jovens, com pessoas leigas, que estão muito engajadas nos territórios. Então são essas pessoas que são a força da Igreja.

Hoje, pela manhã, eu estava numa reunião onde as pessoas diziam, se não fosse a Igreja, nós não teríamos sobrevivido. Há tantos ataques. A Igreja tem sido esse colo, esse ombro, essa voz, esse ouvido dessas pessoas que estão sofrendo nos territórios. A presença da Igreja é muito importante para todo esse processo que a gente está vivendo, não só como COP, mas como pós-sínodo, como sinodalidade e outros processos que a Igreja tem feito com muita maturidade e com muita força aqui no território.

O Sínodo ajudou muito, mas a continuação do Sínodo a gente pode perceber agora também no engajamento dos nossos leigos, não só da nossa Igreja.



Manifestação - Cúpula dos Povos

A senhora falava desse acompanhamento. Como é a realidade da Igreja na Amazônia junto aos povos indígenas?

A presença da igreja junto aos povos indígenas é muito forte. Nós temos o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), e tem outras instituições que também têm feito esse trabalho, e a gente sabe que são dos povos mais ameaçados que a gente tem nesse momento, não só no Brasil, mas fora do Brasil, inclusive, são os povos originários. Então, eu acredito que a força da Igreja junto com esses povos vem fortalecer também as suas lutas e que não são fáceis. Todos os dias a gente escuta experiências não positivas de pessoas sendo tiradas dos seus territórios, muitas pessoas que são mortas, outras que são obrigadas a deixar suas terras pelo fato de chegar aos grandes projetos. Então, assim, os povos indígenas são aqueles que são muito afetados porque eles são aqueles que estão cuidando da floresta, estão cuidando daquela sua região e ao mesmo tempo são os mais ameaçados pelo agronegócio e por tantas outras empresas que têm chegado na Amazônia.

E como a Igreja responde a esse grito?

De forma concreta mesmo, nós temos por exemplo como Rede, como REPAM, acionado, inclusive o governo. Nós temos uma pauta de incidência que a gente tem levado para o nosso governo e o governo tem sido muito solícito e estão nos ouvindo bastante. Nós estamos dizendo que não dá para continuar da forma que eles estão fazendo. Então isso tem feito com que as pautas deles não fiquem só entre eles, não só no território, mas que sejam pautas ouvidas, inclusive pelo próprio governo. Isso tem facilitado pouco o diálogo também entre as instituições que estão pensando nessas pautas e que são responsáveis por essas pautas junto com a Igreja. E a igreja é muito ouvida. Nesse governo a gente tem essa possibilidade de estar conversando muito mais proximamente das pessoas que são responsáveis

por essas pautas. Então isso eu vejo como uma força também, não só para a Igreja, mas também para os povos indígenas.

Os povos indígenas estão presentes também aqui na COP30 e eles trazem também o seu grito?

Com certeza. Sempre se tem dito que nada é sem a Amazônia, sem os amazônidas, e eles são da Amazônia. Eu acredito que essa responsabilidade também é nossa de abrir portas e abrir o espaço também para que eles possam falar, serem a voz, não nós, mas as pessoas que são do território. Então, eles são os porta-vozes das suas próprias dificuldades, do próprio sofrimento, das alegrias também. Eu acredito que essa é a nossa responsabilidade enquanto Igreja também de estar trazendo a voz deles para esses espaços em nível também internacional.



Manifestação

Qual seria hoje para o mundo indígena o maior desafio?

Eu acredito que um dos maiores desafios é eles serem os porta-vozes das suas próprias dificuldades, seus próprios sofrimentos, suas próprias alegrias, porque muitas vezes eles não são deixados falar. Por isso, eu acredito que dar voz a essas pessoas, deixar que eles realmente possam fazer com que os espaços deles possam ser cuidados, melhor cuidados, e eles sejam os porta-vozes das suas dificuldades, sofrimentos. Mas, ao mesmo tempo, eles é que estão ali nos dizendo o tempo todo o que nós precisamos fazer. para que a terra não seja destruída, para que sejam cada vez mais respeitados os seus direitos.

A nossa responsabilidade também é dar esse espaço para que eles sejam os protagonistas da própria voz.

Neste universo da Amazônia e da Igreja da Amazônia, o papel da mulher?

Então, todos os dias a gente escuta isso, que sem a mulher, a Igreja da Amazônia não seria uma igreja da Amazônia. A responsabilidade nossa, enquanto mulheres, é muito forte. Muitas comunidades da Amazônia, se não fossem as mulheres, elas não estariam de pé hoje. A responsabilidade da mulher não só na Igreja, mas também em outros papéis também, nas universidades, em outros espaços, é importante a sua presença. E tem sido muito forte essa presença da mulher. Eu acredito que, inclusive o Papa Francisco mesmo abriu muitas portas para que a gente pudesse ter mais voz, eu acredito que esse é um dos legados dele, dessa abertura, inclusive, da Igreja para dar mais espaço às mulheres, inclusive dentro da própria Igreja.

Papa Francisco disse, eu estou conhecendo a rainha da Amazônia quando a senhora se encontrou com ele.

Olha, eu só tenho que agradecer, porque foi através de dom Cláudio, meu grande amigo dom Cláudio, que eu tive essa oportunidade de participar do Sínodo, de estar perto pela primeira vez do Papa, de poder sorrir junto com o Papa, abraçar ele. Então isso para mim foi uma experiência muito rica, de poder dizer eu conheci o Papa, eu abracei o Papa e eu tive a oportunidade de conversar com o Papa. Assim, para mim, é uma responsabilidade muito grande, de inclusive poder participar desse momento da história da Igreja da Amazônia.

E daquele momento tão especial de termos um Sínodo para a Amazônia, o que é que sobrou, e como é está indo esse caminho pós-sínodo?

Então, eu acredito que nós temos tentado durante todo esse período de vários anos pós-sínodo, trazer a pauta do Sínodo como uma pauta nova, que precisa ser colocada em prática. Muitas coisas já

foram colocadas em prática, muitas das resoluções do Sínodo já foram colocadas em prática, mas nós acreditamos que ainda tem muito ainda para ser colocado em prática. Muito territórios, muitas dioceses já têm feito programas, já têm feito vários projetos a partir do Sínodo, então já cresceu muito, muitas das resoluções do Sínodo já foram colocadas em prática. Claro que isso vai levar anos. São momentos e momentos da história da Igreja na Amazônia. Mas o Sínodo, ele é muito presente ainda em muitos territórios, muitas dioceses, a própria criação da Ceama, a criação da Repam, a criação de outras instituições que surgiram depois do Sínodo e que era o sonho do Papa Francisco. Então, acho que os sonhos dele aos poucos estão sendo concretizados.

E a presença agora de Papa Leão XIV nessa realidade?

Nós estamos conhecendo o Papa Leão XIV. Eu acredito que ele veio com toda essa simplicidade. Eu acredito que é um Papa muito simples e que aos poucos ele está se mostrando ao mundo. Então, creio que ele vem muito para somar com a pauta do Papa Francisco. Aquilo que o Papa Francisco já tinha em mente, muitas coisas. A própria encíclica que ele escreveu, então eu acho que isso já é uma pauta que a gente vê. Acho que ele tem seguido aqueles sonhos do Papa Francisco também, de uma Igreja pobre, de uma Igreja sinodal, de uma Igreja que está junto do povo. Eu acredito que o Papa Leão veio pra somar com todas essas nossas causas que o Papa Francisco já tinha, e que hoje a gente também tem como Igreja do Brasil e igreja da Amazônia.

Esperamos o Papa Leão na Amazônia?

Com certeza! É um sonho ter o Papa Leão na Amazônia. Quem sabe, como ele já viveu um período na Amazônia peruana, quem sabe, agora virá à Amazônia brasileira. Fonte: Vatican News

COP30: católicos realizam manifestação pedindo o cuidado da Casa Comum

Com mensagem do Papa Leão XIV, jovens católicos realizam ação em frente à “Blue Zone” da COP30 para chamar atenção ao cuidado para com a Casa Comum.

Silvonei José – Belém

Na manhã desta terça-feira (18/11) o Movimento Laudato si’ realizou um ato em frente à entrada da Blue Zone, a área de discussões da COP30, em Belém, reforçando o chamado espiritual e ético para a proteção da Casa Comum.



COP30 Manifestação Laudato si'

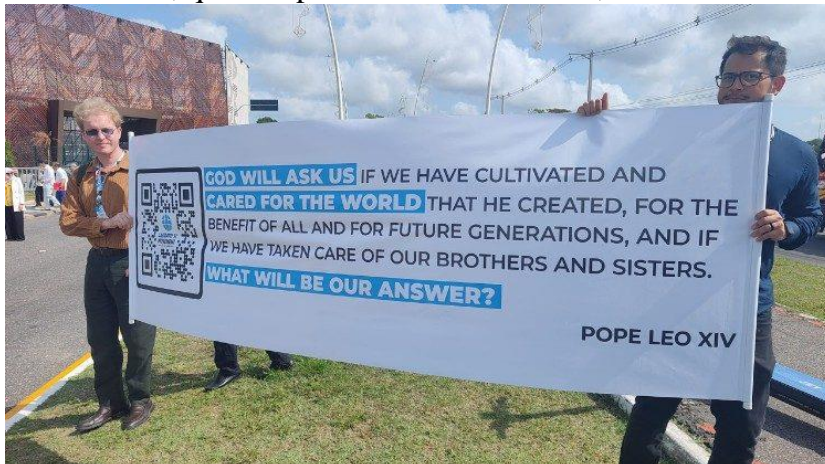
Durante o ato, jovens exibiram um quadro com a imagem do Papa Leão XIV abençoando um bloco de gelo da Groenlândia - gesto realizado em Castel Gandolfo há um mês, às vésperas da conferência - e uma faixa com a mensagem do Santo Padre: “*Deus nos perguntará se cultivamos e cuidamos do mundo que Ele criou, para o bem de todos e das futuras gerações, e se cuidamos de nossos irmãos e irmãs. Qual será a nossa resposta?*”

Quadro com a imagem do Papa Leão

Nestes dias de intensos encontros e reflexões sobre a mudança climática na COP30, a Igreja Católica marca presença histórica: uma participação sem precedentes, que reúne desde comunidades eclesiais missionárias, pastorais sociais, vida religiosa consagrada e presbíteros, até mais de 40 bispos e 9 cardeais, representando os cinco continentes. Uma demonstração global de compromisso com a Mãe Terra e com a justiça socioambiental.

A manifestação da manhã desta terça-feira buscou destacar a urgência não apenas moral, mas também espiritual do enfrentamento à crise climática. Para o Movimento Laudato si’, cuidar do planeta

é um compromisso que envolve a defesa de todas as formas de vida e está em sintonia com o apelo da Encíclica Laudato si, que completa dez anos em 2025, o mesmo marco do Acordo de Paris.



Frases de Papa Leão

Fonte: Vatican News

COP30: educação e formação para uma conversão ecológica

A Educação Instrumento para a Conversão Ecológica Estrutural na Espiritualidade do Cuidado. Tema de discussão do painel realizado no Pavilhão da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), na Zona Verde da COP30, que ocorre em Belém de 10 a 21 de novembro de 2025. Devemos buscar uma educação para novos estilos de vida.

Silvonei José e padre Luis Miguel Modino – Belém

Na manhã desta terça-feira (18/11), na última semana de discussões na COP30, que se encerra o dia 21 de novembro, em Belém, tivemos um painel realizado no Pavilhão da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), na Zona Verde da COP30, dedicado à Educação



COP30: educação e formação para uma conversão ecológica.

Os combustíveis fósseis são um dos principais culpados pelas mudanças climáticas, contribuindo decisivamente para o aumento da temperatura global. O abandono do seu uso e a **promoção de novos estilos de vida, educação e formação para uma conversão ecológica estrutural** foram o tema de discussão do encontro.

Os participantes do debate: Juan Esteban Belderrain, assessor do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM); Carlos Greco, reitor da Universidade de San Martín (Argentina) e membro da Rede de Universidades para o Cuidado da Casa Comum (RUC); Darío Bossi, presidente da Rede Igreja e Mineração; e dom Lizardo Estrada, secretário-geral do CELAM. Um painel moderado por Agustina Rodríguez Saa, presidente da RUC.

RUC: Formando Líderes Conectados ao Território

O painel, segundo as palavras da moderadora, buscou refletir sobre o papel da educação no abandono dos combustíveis fósseis e na adoção de novos estilos de vida. Essa é uma das forças motrizes da RUC, **uma rede que reúne universidades públicas e privadas, seculares e religiosas,**

garantindo a diversidade. A rede nasceu da inspiração da Laudato si', dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e do Acordo de Paris.

Mais de 200 reitores da RUC se encontraram com o Papa Francisco em 2023, como lembrou Rodríguez Saa. **O pontífice enfatizou a necessidade de formar líderes e sua conexão com o território.** Não podemos esquecer que a RUC tem presença na América Latina, na Península Ibérica e no Reino Unido. Isso confere maior importância à sua participação na COP30, dado o conhecimento que essas universidades têm do território.



Padre Bossi

Aceitando os Limites

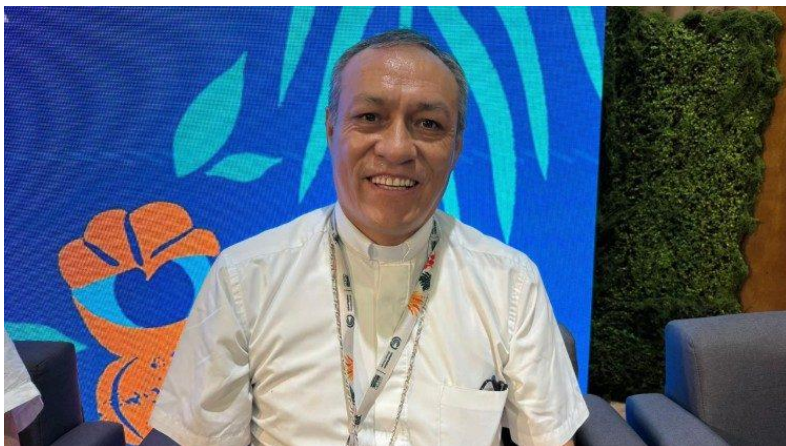
Darío Bossi abordou a **questão dos combustíveis fósseis sob a perspectiva dos limites**, especificamente a ausência de limites na sociedade atual, que põe em risco as gerações passadas e futuras. Este é um limite sobre o qual a comunidade científica vem alertando em relação à Mãe Terra, que se depara com o conceito central do capitalismo: o crescimento. O problema reside em conciliar crescimento e limites, especialmente diante de falsas soluções e verdades, "um desafio filosófico e cristão que devemos abraçar", enfatizou o missionário comboniano.

O caminho a seguir envolve **aceitar e lidar com os limites**, confrontar a crescente desigualdade e responsabilizar aqueles que geram as maiores emissões. Requer a capacidade de cultivar uma vida que transcenda o consumo e o desperdício, abraçando a sobriedade feliz e aprendendo a viver feliz com menos. A transformação deve começar com a compreensão dos limites e suas implicações para a vida cotidiana, no transporte, na produção e na diversificação dos investimentos.

O papel profético da Igreja

O documento das Igrejas do Sul, em preparação para a COP30, do qual o CELAM é signatário, **“Um Apelo à Justiça Climática e à Nossa Casa Comum”**, norteou a intervenção de dom Lizardo Estrada. Este documento exige “ações transformadoras dos Estados, fundamentadas na dignidade humana, no bem comum, na solidariedade e na justiça social, priorizando os mais vulneráveis, incluindo nossa irmã Mãe Terra”.

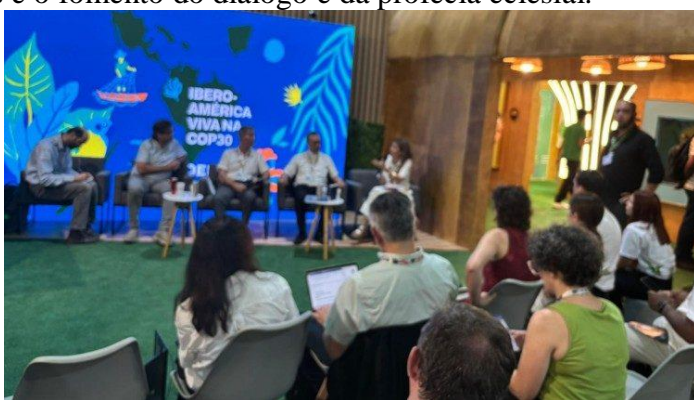
O Secretário-geral do CELAM delineou alguns **elementos necessários para a geração de novos estilos de vida**. Isso envolve evitar impactos irreversíveis, buscando soluções que unam justiça, ecologia e dignidade humana, superando paradigmas tecnocráticos e extrativistas, com políticas climáticas baseadas na equidade e em responsabilidades comuns, porém diferenciadas. É essencial levar em consideração as cosmovisões e práticas dos povos e comunidades locais, enfatizou Estrada.



Dom Lizardo Estrada.

Para isso, **o envolvimento das Igrejas é necessário**, levando à rejeição de falsas soluções e à defesa da justiça climática; eliminar os combustíveis fósseis; rejeitar a mercantilização da natureza; condenar o capitalismo verde; fortalecer a resiliência e a resistência das comunidades; defender a soberania dos povos indígenas; promover novos paradigmas baseados na solidariedade, na justiça social, na cooperação e no respeito aos limites; implementar programas educativos sobre o cuidado da nossa casa comum; cultivar a espiritualidade em todas as esferas; e criar o Observatório da Igreja para a Justiça Climática.

Isso está ligado a uma série de exigências feitas aos Estados quanto à implementação de mecanismos de governança climática com a participação ativa e vinculativa de todos. É necessário proteger as populações vulneráveis das mudanças climáticas por meio de um pacto climático global e de um financiamento climático transparente e acessível que transcenda as soluções puramente baseadas no mercado. Para tanto, **as Igrejas do Sul Global clamam por uma conversão ecológica, inspirada pela espiritualidade do cuidado**. Isso envolve educação em consciência ecológica, comunhão com as vítimas e o fomento do diálogo e da profecia eclesial.



Participantes do encontro

Educação para gerar novos agentes de transformação

A educação é o principal meio de alcançar as mudanças necessárias para enfrentar a crise climática, segundo Juan Esteban Belderrain. Ele questionou a falta de representação do mundo educativo nos espaços de tomada de decisão, destacando a importância do painel.

O desafio, nas palavras do consultor do CELAM, é a necessidade de moldar o conteúdo educacional, uma questão que gera conflitos e dificulta o consenso. **Devemos buscar uma educação para novos estilos de vida**, o que exige a compreensão de que não há consenso sobre isso. Tudo isso visa gerar novos agentes de transformação. Isso vai além de materiais didáticos que abordam a sustentabilidade e exige uma transformação da lógica e das relações institucionais.

Uma dinâmica em vista de evitar o que ele chama de "efeito vacina" do discurso, que nos desafia a ajudar a conscientizar de que a mudança climática é uma consequência do atual sistema de produção capitalista. Essa conscientização necessária, como disse Paulo Freire, não basta; devemos ir além, oferecendo aos estudantes a possibilidade de outra lógica, de outra forma de se relacionar com a natureza. Belderrain alertou sobre a "**globalização da impotência**", como a descreveu Leão XIV, que nos leva a encarar os problemas com a consciência de que não podemos mudá-los.



Participantes do encontro

Educar para transformar

Na universidade, o fundamento é trabalhar com o conhecimento para transformar a vida das pessoas por meio da educação, o que representa uma responsabilidade, afirmou Carlos Greco. O objetivo é uma autonomia responsável construída por meio do engajamento com a realidade que enfrenta. Nessa perspectiva, a universidade gera conhecimento que fomenta a compreensão da realidade da qual fazemos parte. Este processo abrange todo o processo educativo e estende-se a outros grupos, exigindo acordos institucionais que nos ajudem a **compreender que não possuímos a verdade absoluta e que nos permitam construir novos processos.**

Para Greco, **a universidade assume o compromisso com a educação, entendendo que os estudantes assumirão uma responsabilidade social de trabalhar pelo bem comum,** o que vai além do diploma que recebem. Isto exige um conhecimento transversal, visando cultivar a consciência de que o que produzirão é para o bem comum e para a sustentabilidade, gerando assim uma consciência prática baseada no conhecimento teórico e transmitindo às suas comunidades a consciência de criar um mundo melhor. Tudo isto se fundamenta no fato de que estes estudantes serão os líderes que moldarão as políticas públicas no futuro.

O desafio é concretizar **“um capitalismo comprometido com o verdadeiro desenvolvimento, e não apenas com o crescimento”**, sublinha o reitor. Isto requer investimento por parte dos governos, um desafio para os países do Sul Global, dados os seus elevados níveis de endividamento. Daí a necessidade de perdoar a dívida externa para melhorar as condições nos países em desenvolvimento, investindo na educação, um verdadeiro mecanismo de transformação social, concluiu.

Fonte: Vatican News

COP30: um mutirão nos próximos dias, para buscar pontos de convergência

A presidência da COP30 fez um apelo, nesta segunda-feira, aos ministros de todo o mundo para que façam concessões e superem suas divergências antes da conclusão da conferência anual da ONU sobre o clima, que acontecerá em cinco dias.

Silvonei José – Belém



Manifestação dos indígenas em Belém.

A COP30, a Cúpula das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, entrou ontem em sua semana política decisiva, que se conclui em 21 de novembro. Enquanto isso, nos dias que antecederam a COP, que se realiza em Belém, Brasil, houve alguns avanços. As negociações iniciais resolveram pelo menos algumas questões técnicas, que, no entanto, ainda exigem a aprovação de cada país. Contudo, segundo os analistas, uma análise mais detalhada revela que a possibilidade de se chegar a um acordo político sobre um texto final parece cada vez mais real.

O que vem sendo chamado de "decisão de cobertura" poderá, de fato, resumir os 10 anos que separam esta COP do Acordo de Paris e renovar o espírito desse mandato. Além disso, deverá conter o passo fundamental que faltava até agora: como passar do conceito à implementação, fortalecendo o multilateralismo, a cooperação internacional e o apoio aos países mais vulneráveis. Ademais, pela primeira vez, abrem-se oportunidades concretas para triplicar o financiamento da adaptação e acelerar a eliminação gradual dos combustíveis fósseis.

Os quatro temas centrais nas mesas de discussões dizem respeito a: o Artigo 9 do Acordo de Paris, que trata do financiamento climático; as Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), os planos de redução de emissões que os países devem apresentar a cada cinco anos (quase dois terços dos países já o fizeram, mas ainda não é suficiente para limitar o aquecimento global a 1,5 graus Celsius); as Medidas Comerciais Unilaterais (MCUs), que são instrumentos de política comercial adotados por um único país ou grupo de países para incorporar critérios climáticos ao comércio internacional; e os Relatórios Bienais de Transparência (RBTs), os relatórios de transparência exigidos pelo Acordo de Paris que todos os países devem apresentar a cada dois anos para demonstrar o progresso em direção ao cumprimento de seus compromissos de redução.

A Presidência da COP30 já anunciou que, precisamente com a chegada de ministros e formuladores de políticas, convocará um "mutirão" nos próximos dias, uma grande sessão coletiva com ministros e chefes de delegação para buscar pontos de convergência.

Os analistas estão concordes de que este encontro e outros (provavelmente em versão reduzida) deve levar a um caminho comum rumo a uma decisão ambiciosa sobre o futuro climático, que talvez inclua a transição para longe dos combustíveis fósseis, definindo um roteiro crível e aceito sob a égide da diplomacia internacional.

Recordamos que em Belém, a cidade porta de entrada para a Amazônia, também houve manifestações nos últimos dias, levando de volta às ruas uma parte da cúpula que geralmente (ou pelo menos nas COPs recentes) permanecia dentro dos limites das zonas de reunião designadas.

Manifestaram-se nas praças representantes da sociedade civil, de povos indígenas, da Flotilha Indígena e mais de 40 mil pessoas que marcharam por Belém exigindo justiça climática. Essa questão deve estar na agenda brasileira (há um claro compromisso nesse sentido), juntamente com a luta pela defesa das florestas e, claro, da Amazônia.

A presidência da COP30 fez um apelo, nesta segunda-feira, aos ministros de todo o mundo para que façam concessões e superem suas divergências antes da conclusão da conferência anual da ONU sobre o clima, que acontecerá em cinco dias.

"Não podemos, de forma alguma, nos dar ao luxo de perder tempo com atrasos ou obstruções táticas. O tempo da diplomacia teatral acabou. É hora de arregaçar as mangas, unir forças e trabalhar", declarou Simon Stiell, durante uma sessão de trabalhos.

Os ministros, de fato, chegaram a Belém para assumir as negociações técnicas e tentar romper o impasse político.

A COP30 deveria terminar na sexta-feira à noite, mas nenhuma COP terminou no prazo desde 2003.

Os números

Quantos países presentes na COP30? 189 países, além da União Europeia, têm delegações presentes, informou a ONU à imprensa.

Entre os poucos países que não enviaram delegações estão os Estados Unidos, sob a presidência de Donald Trump, pela primeira vez na história da COP, e o Afeganistão, que lamentou não ter sido convidado.

Tecnicamente, a COP30 é a 30ª reunião dos 198 signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 1992, ou seja, 197 países e a União Europeia. Ela também serve

como reunião dos 195 signatários do Acordo de Paris de 2015, ou seja, 194 países e a União Europeia – sendo esta reunião o foco das negociações mais importantes.

Todas as decisões devem ser tomadas por consenso entre todos os países participantes, o que, teoricamente, permite que qualquer país bloqueie um acordo.

Quantos participantes?

Aproximadamente 44.000 pessoas foram credenciadas para participar presencialmente da COP30, de acordo com a ONU Mudanças Climáticas. Isso inclui delegações nacionais, seus convidados, empresas, observadores e a imprensa (o número exclui cerca de 6.000 credenciamentos virtuais).

Até sábado, 26.500 delas haviam chegado presencialmente, informou a ONU, incluindo mais de 2.100 jornalistas. Espera-se que esse número continue a aumentar durante os últimos cinco dias da conferência.

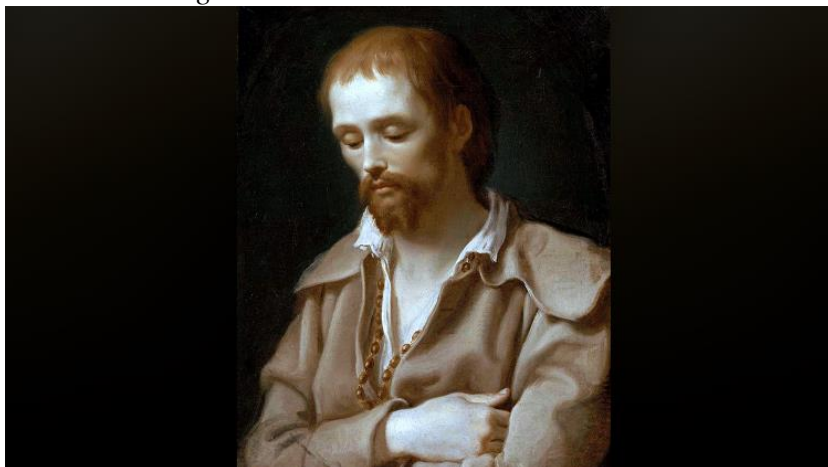
Com base nos números finais de participantes, o veículo de comunicação Carbon Brief estima que a COP30 poderá ser a quarta maior COP já realizada, sendo a maior a de Dubai, em 2023.

Fonte: Vatican News

S. Bento José Labre: conheça o Santo lembrado por Leão XIV no Jubileu dos Pobres

A vida desprovida de bens materiais e dedicada à penitência física e espiritual, orações, adoração ao Santíssimo, ao santo terço e as peregrinações a Santuários rendeu a São Bento José Labre o título de “Vagabundo de Deus”. Ele foi lembrado pelo Papa Leão XIV no Jubileu dos Pobres, como exemplo de quem caminha como e com os mais necessitados. O Papa Francisco já o havia citado como modelo de humildade e servidão a Deus

Mariane Rodrigues - Cidade do Vaticano



São Bento José Labre, em imagem de Cavallucci

Na Santa Missa do Jubileu dos Pobres, do último domingo, 16 de novembro, presidida pelo Papa Leão XIV, o Pontífice se dirigiu aos mais necessitados, na Basílica de São Pedro. Com palavras de alento e esperança, Leão enfatizou aos fiéis que a “presença e a palavra de Cristo” são júbilos para os marginalizados e esquecidos da sociedade, “pois Ele veio anunciar aos pobres a boa nova e proclamar o ano de graça do Senhor”. E citou um Santo em particular, que inspira a todo cristão a servir aos que mais precisam, caminhando como Cristo caminhou: São Bento José Labre, o “vagabundo de Deus”.

O Papa recordou que a Igreja quer ser “mãe dos pobres, lugar de acolhimento e Justiça”. E esse desejo da Igreja é ainda mais necessário nos dias atuais em que, com as palavras de Leão XIV: estão tão feridos “por antigas e novas pobreza”, sejam elas materiais, morais ou espirituais.

Na homilia, o Santo Padre exortou para que os chefes de Estados e os líderes das nações ouçam o clamor dos mais pobres. Ele agradeceu aos agentes da caridade e aos voluntários que dedicam seu tempo e energia para amenizar a dor de quem sofre por causa da pobreza de diversas maneiras.

Em seguida, o Santo Padre fez menção a São Bento José Labre, o santo conhecido como o “vagabundo de Deus”, a quem o Papa Leão se referiu como quem possui as características de um verdadeiro padroeiro dos pobres que não possuem um teto para morar.

“Neste Jubileu dos Pobres, deixemo-nos inspirar pelo testemunho dos Santos e das Santas que serviram Cristo nos mais necessitados e o seguiram no caminho da pequenez e do despojamento. Em

particular, gostaria de propor novamente a figura de São Bento José Labre, que com a sua vida de 'vagabundo de Deus' tem as características para ser o padroeiro de todos os pobres sem-abrigo", afirmou o Papa.

São Bento José Labre

Ele é um santo cuja devoção é pouco disseminada no Brasil, mas, apesar de ter nascido na França, São Bento José Labre teve sua história difundida mesmo na Itália, especialmente em Roma, cidade onde possui uma capela dedicada a ele: a Capela de São Bento José Labre ai Monti, localizada na igreja de Santa Maria ai Monti, na Via dei Serpenti, no bairro Rione Monti.

São Bento José Labre não se confunde com São Bento de Núrsia, o monge do qual se atribui as atividades monásticas e que tem uma das ordens mais difundidas no mundo, a dos Beneditinos. Este sim, muito conhecido no Brasil.

“O Vagabundo de Deus”

São Bento José Labre nasceu na cidade de Amettes, na França, em 26 de março de 1748, vindo de uma família de agricultores pobres com 15 irmãos, sendo ele o mais velho. Sua educação foi promovida por meio de um tio paterno, que era pároco.

Conta a história que São Bento José Labre queria levar sua vida em um mosteiro, mas foi recusado por todos aqueles onde tentou. Nas estradas, ele encontrou seu próprio caminho, iniciando uma trajetória de peregrinação por algumas partes da Europa, especialmente, Roma. Foi por causa dessas andanças que ele ficou conhecido como o “Vagabundo de Deus”.

Antes de mais nada, é necessário esclarecer: no Brasil, a palavra “vagabundo”, geralmente tem uma conotação pejorativa: pessoa que não trabalha, sem ocupações porque é ociosa, preguiçosa, ou de mau-caráter, que não possui boas qualidades. Todavia, em seu sentido literal, “Vagabundo” significa alguém que não tem uma casa habitual, que adota um estilo de vida viajante, sem um destino fixo.

Assim, ao ser lembrado como o “Vagabundo de Deus”, São Bento José Labre é recordado como um homem que decidiu viver sob condição de pobreza e peregrinação desde os seus 22 anos de idade, dormindo em ruínas, como as do Coliseu, e se alimentando de esmolas que recebia nas ruas (mesmo sem pedir) e das quais ele sempre compartilhava com outros em situação igual.

Mas, mais do que isso: sua vida também foi marcada por intensas meditações, orações, penitências, peregrinações a santuários e adoração à Eucaristia. Ele morreu aos 35 anos em decorrência da vida precária que levava e em seu funeral houve muita comoção. O corpo do santo foi sepultado no mesmo local onde hoje está a capela em sua homenagem.

São Bento José Labre foi canonizado em 8 de dezembro de 1881, pelo Papa Leão XIII e seu dia é celebrado em 16 de abril, dia de sua morte.

Citado também pelo Papa Francisco

Em sua mensagem para o VIII Dia Mundial dos Pobres, publicada em 13 de junho de 2024, o Papa Francisco exortou os fiéis a orarem pelos mais pobres, pois a “oração do pobre eleva-se até Deus”.

Ao lado de Madre Teresa de Calcutá, o Papa Francisco citou também São Bento José Labre como exemplo de quem viveu e caminhou como pobre e com os pobres, ao mesmo tempo em que não se resignou a dedicar a vida a Deus, sempre diante do Santíssimo Sacramento, com um terço na mão e em companhia do Novo Testamento.

“E como não recordar aqui, na cidade de Roma, São Bento José Labre (1748-1783), cujo corpo jaz e é venerado na igreja paroquial de Santa Maria ai Monti. Peregrino desde França até Roma, rejeitado em muitos mosteiros, viveu os seus últimos anos pobre entre os pobres, passando horas e horas em oração diante do Santíssimo Sacramento, com o terço, recitando o breviário, lendo o Novo Testamento e a Imitação de Cristo. Não tendo sequer um pequeno quarto para se alojar, dormia habitualmente num canto das ruínas do Coliseu, como “vagabundo de Deus”, fazendo da sua existência uma oração incessante que subia até Ele”, recordou Francisco.

Na carta, o Papa argentino lembrou ainda aos fiéis que todos os cristãos, individualmente e em comunidade, são chamados a ser instrumentos de Deus para servir e integrar os mais pobres plenamente à sociedade. “Isso supõe estar docilmente atento para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”, afirmou o Papa Francisco, pedindo que os esquecidos e marginalizados socialmente não percam a certeza de que “Deus está atento” e “perto” de cada um. Fonte: Vatican News

Equador, Igreja na linha de frente contra as minas que devastam e matam

Da COP30, em curso no Brasil, chega uma forte denúncia sobre os efeitos devastadores da atividade mineradora no país latino-americano. Pedro Sánchez Coronel, membro da Rede Nacional de Pastoral Ecológica do Equador e membro da Rede Ecumênica Latino-Americana Igrejas e Mineração: “A febre da corrida ao ouro e a outros minerais está produzindo um alto índice de poluição ambiental”

Federico Piana - Vatican News



Manifestação contra as minas organizada pela Rede Ecumênica Latino-Americana de Igrejas e Mineração

O paraíso inesperado encontra-se no Equador. Este pequeno país latino-americano, visto nos mapas, assemelha-se a um ponto microscópico. No entanto, ostenta uma das maiores biodiversidades do mundo: mais de 90 ecossistemas marinhos e terrestres diferentes, uma vasta quantidade de florestas úmidas, secas e montanhas que enriquecem a região amazônica, que constitui 48% do seu território. Sua vocação certamente não é a mineração, pois um amor incondicional pela agricultura corre em suas veias. Uma paixão visceral pela sua terra que é transmitida de geração em geração.

Mudança perigosa

Mas, há pelo menos 25 anos, algo vem mudando. "O desenvolvimento de tecnologias digitais, como a inteligência artificial, e o aumento das guerras em várias partes do mundo intensificaram a busca por minerais e terras raras no Sul Global, particularmente em áreas como o Equador", argumenta, em detalhes, um filho deste país glorioso, porém atormentado, Pedro Sánchez Coronel. Ele não é um cidadão comum: é membro da Rede Nacional de Pastoral Ecológica do Equador e da Rede Ecumênica Latino-Americana Igrejas e Mineração, fundada em 2012 para acompanhar e apoiar comunidades afetadas pela mineração.

Efeitos devastadores

Ao decidir denunciar veementemente os efeitos devastadores da invasão das mineradoras à mídia vaticana, encontrava-se em um lugar simbólico para ambientalistas do mundo todo: a cidade de Belém, na Amazônia brasileira, onde está se realizando a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30). Nela, juntamente com companheiros da rede Igrejas e Mineração, ele busca conscientizar delegados dos Estados e dos governos para que se comprometam seriamente com a corajosa escolha de defender toda a região amazônica, o que, segundo ele, significa, em última análise, "defender todo o planeta, visto que é um imenso pulmão capaz de purificar o ar processando 200 mil toneladas de carbono por ano".

Conflitos Sociais

Mas, analisando o que está acontecendo no Equador, o temor é que o resultado possa ser completamente diferente. "Atualmente, estamos vivenciando diversos conflitos sociais gerados pela invasão da mineração. Vários governos, nas últimas duas décadas, concederam mais de 15% do território a diversas empresas de mineração. A maioria dessas concessões está localizada em territórios de populações indígenas e camponesas."

Poluição e morte

A corrida desenfreada por ouro e outros minerais está causando altos níveis de poluição ambiental, especialmente em rios, onde análises repetidas detectaram altos níveis de mercúrio, arsênio e cádmio, causadores de inúmeras doenças e mortes. Há também outros efeitos que não podem ser descartados como causas secundárias, explica Sánchez: "Há a expropriação de terras indígenas, o que é

um crime e uma violação dos direitos humanos. E as atividades de mineração geram divisão, corrupção, alcoolismo, prostituição, consumismo e muita violência. Em suma, a destruição de culturas ancestrais."

Unidos para defender

Em alguns casos, administrações locais uniram forças com povos indígenas e organizações da sociedade civil para impedir que empresas de mineração usurpassem suas terras. "Um exemplo recente foi a mobilização massiva da população da província de Azuay para defender suas fontes de água na região de Quimsacocha, que a indústria de mineração pretendia contaminar para a extração de ouro. Mas as autoridades nacionais não demonstram o mesmo respeito pelas comunidades e povos indígenas. Em vez disso, o Ministério do Meio Ambiente foi fundido com o Ministério da Mineração, "colocando a raposa para cuidar do galinheiro", como dizem os agricultores.

Bispos em marcha

Para descrever a intensidade da luta da Igreja local contra a mineração, Sánchez relembra uma fotografia simbólica: "Aquela que mostra o cardeal Luis Gerardo Cabrera Herrera, arcebispo de Guayaquil e presidente da Conferência episcopal, liderando a manifestação em Quimsacocha." Um sinal eloquente que ilustra as verdadeiras preocupações dos bispos. Fonte: Vatican News

EUA, os bispos: "Reconhecer a dignidade fundamental dos imigrantes"

Pela primeira vez em 12 anos, os bispos dos Estados Unidos votam e publicam uma carta pastoral especial para dizer não às expulsões em massa e reiterar que a segurança nacional e a proteção da dignidade humana não são incompatíveis

Vatican News



Agentes federais dos EUA escoltam um grupo de migrantes deportados para o México

A dignidade humana e a segurança nacional não estão em conflito e podem coexistir "se pessoas de boa vontade trabalharem juntas". A Conferência Episcopal dos Estados Unidos, reunida em Baltimore, tomou posição sobre as questões dos migrantes e requerentes de asilo, expressando "preocupação com o desdobramento da situação que está afetando os imigrantes" nos Estados Unidos. Assim como é legítimo que um Estado regule suas fronteiras, é igualmente justo "reconhecer a dignidade fundamental de todas as pessoas, incluindo os imigrantes", lê-se na mensagem pastoral publicada no dia 12 de novembro. Por isso, continuam os bispos, "apoiamos uma reforma significativa das leis e procedimentos de imigração em nosso país", para que seja instituído "um sistema de imigração justo e ordenado para o bem comum". Sem esse processo, afirma o documento episcopal, "os imigrantes correm o risco de tráfico e outras formas de exploração", enquanto "caminhos seguros e legais representam um antídoto para esses riscos".

Não às deportações em massa

Há doze anos, desde 2013, quando interveio sobre o tema dos contraceptivos, que o episcopado não publicava uma "mensagem pastoral especial". E para sublinhar a importância da nota, é preciso especificar que ela foi aprovada por ampla maioria (216 votos a favor, 5 contra e 3 abstenções) e acompanhada por um longo aplauso da assembleia. Os bispos se definem "transtornados quando vemos entre nosso povo um clima de medo e ansiedade" diante da aplicação das leis de imigração, "tristes com o estado do debate contemporâneo e com a difamação dos imigrantes" e "preocupados com as condições nos centros de detenção e com a falta de acesso à assistência pastoral". E deploram o fato de

que alguns imigrantes nos Estados Unidos tenham perdido “arbitrariamente” seu status legal. “Ficamos tristes – lê-se – quando encontramos pais que temem ser detidos enquanto acompanham seus filhos à escola e quando tentamos consolar familiares que já foram separados de seus entes queridos”. Nesse caso, está implícita a referência ao Serviço de Imigração e Alfândega (Ice), que se ocupa, entre outras coisas, da aplicação prática dos regulamentos e é, por isso, temida por muitos imigrantes. A Conferência episcopal reitera sua oposição “às deportações indiscriminadas em massa” e reza “para que cessem a retórica desumanizante e a violência, tanto contra os imigrantes quanto contra as forças da ordem”, e “para que o Senhor guie os líderes de nossa nação”. Na mensagem, os bispos lembram a enorme contribuição para o bem-estar da nação dada por gerações de imigrantes, “apesar dos obstáculos e preconceitos”. E, citando 1 Coríntios, 12, 26 (“Se um membro sofre, todos os membros sofrem juntos”), expressam sua proximidade “aos nossos irmãos e irmãs imigrantes: vocês não estão sozinhos!” Fonte: Vatican News

Caritas sobre Leão XIV no Líbano: o Papa ouviu o grito de socorro do país

O presidente da organização caritativa, Pe. Michel Abboud, concedeu entrevista à mídia do Vaticano sobre como a viagem apostólica de Leão XIV à Terra dos Cedros poderá dar novo impulso à missão humanitária e restaurar a confiança de todos os libaneses: “o Pontífice vem nos mostrar o seu afeto paterno”.

Daniele Piccini – Vatican News

A partir de 2011, a chegada de 1,5 milhão de refugiados sírios, que fugiam da guerra recém-iniciada em seu país, provocou um efeito dominó devastador nas já frágeis finanças do Líbano. Os serviços sociais e de saúde ficam sob pressão. Refugiados em um país de apenas 4,5 milhões de habitantes, os sírios entram no mercado de trabalho para oferecer suas competências e não ter que viver de assistência: isso gera mecanismos cruéis de concorrência com os libaneses. Por fim, chega a instabilidade política. Depois, em 4 de agosto de 2020, a explosão no porto de Beirute. Mais recentemente, o recrudescimento das tensões com Israel. Sem esquecer a pandemia da Covid.



À luz da situação de extrema fragilidade em que o país se encontra há anos, conversando com o presidente da Caritas do Líbano, Pe. Michel Abboud, a viagem do Papa Leão XIV à Terra dos Cedros assume os traços simbólicos do carinho de um pai sobre um filho ferido.



No centro da foto, o presidente da Caritas do Líbano com agentes de trabalho (Caritas Libano)

De 30 de novembro a 2 de dezembro, o Papa visitará o Líbano. Na sua opinião, quais são as expectativas dos libaneses para essa viagem?

Os libaneses sabem bem que a visita do Papa é uma visita apostólica, paternal. Essa visita os encoraja a se considerarem parte da Igreja. É uma visita de solidariedade: graças a ela, o povo saberá que, apesar de todas as situações difíceis pelas quais passou, não deve se sentir abandonado. A Igreja e o mundo estão ao lado do Líbano. Isso é muito importante para nós: o fato de o Papa, o chefe da Igreja Católica no mundo, vir aqui, ao país dos cedros e dos mártires.

Quais são as esperanças da Caritas do Líbano para essa visita?

A Caritas tem sempre presente que o Papa, que é o chefe da Igreja, é o seu responsável, porque somos uma organização da Igreja. A Caritas trabalha para todo o povo libanês, sem discriminações, para o bem de todos. Nos últimos 5 anos, o Líbano passou por uma situação grave, especialmente no plano econômico.

“Essa crise criou, como nós os chamamos, os novos pobres. Essas pessoas, antes, eram doadoras da Caritas, enquanto agora precisam de nós. O Papa, ao visitar o Líbano, dará voz às pessoas que estão sofrendo, e essa voz será ouvida por muitos povos que podem ajudar.”

A Caritas Líbano teve a oportunidade de se encontrar com o Papa Francisco há algum tempo. Falamos com ele sobre o clamor do povo libanês, dos pobres. Pedimos-lhe que unisse a sua voz à nossa perante a comunidade internacional, para que ouvisse as pessoas que sofrem em silêncio. Sempre tivemos esperança no Papa.

Na sua opinião, qual é a questão mais urgente a ser enfrentada no Líbano?

Estamos esperando para saber quando finalmente haverá paz. Vivemos em angústia permanente. Se conversarmos com as pessoas no Líbano, elas vivem como se estivessem em guerra. Por isso, sentimos angústia pelo amanhã. Não temos um futuro seguro por enquanto. Costumamos dizer: “deem-nos a paz, vocês ficam com o que quiserem”. Vivemos na angústia, mas também temos esperança de que algo aconteça. Quando o Papa vier, os libaneses perceberão que ele está trazendo um sinal de paz. No Líbano, há 4 milhões de libaneses; fora do Líbano, há mais de 12 milhões. Eles estariam prontos para voltar e viver aqui, se uma situação de paz lhes permitisse e lhes permitisse também trabalhar aqui.

Como definiria o trabalho da Caritas nos últimos anos?

Nossa missão não mudou, mas aumentamos a oferta dos nossos serviços. Trabalhamos para manter nosso povo vivo. Se uma pessoa tem fome, ela morre. Então, nós a alimentamos para que não morra. O mesmo vale para as pessoas doentes. Colocamos médicos à disposição delas para que permaneçam vivas. Para aqueles que não têm condições de pagar o hospital, nós pagamos. Existem estatísticas dramáticas sobre quantas pessoas morreram por não terem podido receber tratamento. A Caritas Líbano, nos últimos anos, pagou milhões de dólares, graças a muitos doadores generosos, para que as pessoas pudessem pagar o hospital. No nosso país há muitos migrantes. Há os sírios: para nós, eles são imagens de Deus. Sentimos a obrigação espiritual de ajudá-los. O seu número está aumentando. A Caritas, portanto, aumentou os serviços. Temos recursos para administrar graças a muitas pessoas generosas, doadores do Líbano e de fora do Líbano, mas também o número de pobres aumentou.



Uma agente da Caritas que se ocupa do inventário dos remédios (Caritas Libano)



Agentes da Caritas que distribuem caixas com alimentos (Caritas Libano)

Está programada a visita do Papa Leão ao porto de Beirute, local da devastadora explosão de 4 de agosto de 2020. O que essa tragédia ainda representa para o país e para a Caritas?

A Caritas trabalhou nas consequências da explosão. Ajudamos muito, sobretudo em nível psicológico, mas também na reconstrução. O povo de Beirute, que perdeu suas casas, ainda tem sede de verdade. Querem saber quem é o responsável por essa explosão. A visita do Papa Leão ajudará as pessoas a não se sentirem abandonadas. As consequências da explosão ainda pesam sobre suas vidas. A viagem do Pontífice tem um forte valor simbólico, de paternidade e solidariedade, para todos os mártires que perderam suas vidas durante a explosão. Será um consolo para as famílias que perderam seus parentes. Solidariedade para todas as pessoas feridas que perderam suas casas. Para nós da Caritas, será um incentivo para continuar a nossa missão.

O Papa João Paulo II primeiro e o Papa Francisco depois disseram que o Líbano é mais do que um país, é uma “mensagem, um projeto de paz”. Essa ideia ainda é válida hoje, na sua opinião?

Sim, porque no Líbano há 18 comunidades religiosas. Especialmente muçulmanos e cristãos. Eles compreenderam que não se pode viver isolado, mas apenas em comunidade. Se os muçulmanos acreditam que Deus é misericordioso, então devem viver de acordo com isso: essa misericórdia é para as pessoas com quem vivem. Se os cristãos acreditam que Deus é amor, então devem viver esse amor para com os outros. Portanto, se cada comunidade vive sua religiosidade e sua religião, elas viverão em harmonia. O Líbano continua, portanto, sendo uma mensagem, um testemunho.

Muitos jovens libaneses estão deixando o país. O senhor acredita que a visita do Papa pode oferecer a eles um sinal concreto de esperança?

Sim, porque quando virem que o Papa está visitando seu país, sentirão saudade e vão querer voltar. Poderão reviver a confiança que perderam em seu país. Assim que virem que o Papa está no Líbano, saberão que não estão sozinhos.



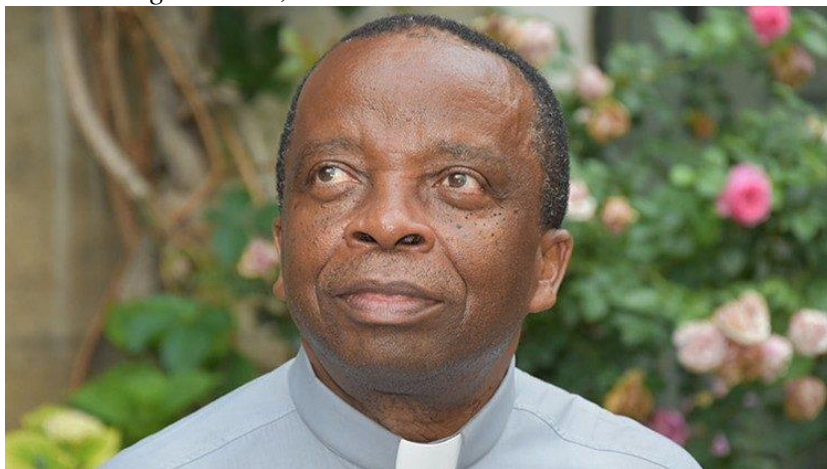
A distribuição de refeição quente pela Caritas do Líbano (Caritas Libano)

Fonte: Vatican News

Mons. Cibambo: Pobres não se devem envergonhar, mas sim a sociedade que os produz

A missão da Igreja para com os pobres não se resume a prestar-lhes assistência em situações de emergência, mas sim a ajudá-los a recuperar a sua autonomia – assim entende o presidente da Cáritas África, Monsenhor Pierre Cibambo, a implementação do princípio do desenvolvimento humano integral. Isto pressupõe um trabalho de defesa de direitos com o objectivo de transformar estruturas injustas, mas também combater a obsessão pela acumulação de recursos a nível individual.

Fabrice Bagendekere, SJ – Cidade do Vaticano



Monsenhor Pierre Cibambo, Presidente de Caritas África

Na sequência da celebração do Dia Mundial dos Pobres e da conclusão do Jubileu a eles dedicado, as palavras de Leão XIV nessa ocasião continuam a ressoar nas organizações dedicadas à promoção da solidariedade eclesial. Em entrevista à Rádio Vaticano, Monsenhor Pierre Cibambo, presidente da Cáritas África, fez eco a este sentimento.

Para ele, saber que existem pessoas que podem perder a autoestima e mergulhar no isolamento e na depressão, ou até mesmo sentir culpa pela sua pobreza, é antes de mais um lembrete crucial para os cristãos, mas também para qualquer humanista, do seu profundo dever de preservar e defender a sacralidade da sua humanidade. "*A pobreza não é uma maldição*", sublinha o sacerdote, lembrando que é a própria sociedade que cria "*situações que geram pobreza para a sua própria exploração*". Consciente disso, afirma, o trabalho das organizações sociais deve consistir, antes de mais, em "lutar pelos pobres e com eles, acreditando neles e nas suas capacidades".

Lutar contra a obsessão de acumular riqueza para si

Nada pode ser invocado para justificar a pobreza e a manutenção de pessoas em condições desumanas, insiste Mons. Cibambo. Pelo contrário, afirma ele, "*deveríamos envergonhar-nos se não fizermos nada, se nos tornarmos cúmplices, incluindo dentro da Igreja, nestas situações de pobreza que deploramos*", sublinhando a necessidade de tomar medidas concretas para restaurar "*a dignidade dos pobres que nos rodeiam e, em seguida, avançar gradualmente para as instituições nacionais e internacionais*".

O Monsenhor demonstra que o que se exige, antes de mais, é uma conversão na nossa relação com o bem comum. Para Mons. Cibambo, para termos esperança na erradicação da pobreza nas nossas sociedades, devemos, acima de tudo, "*superar a obsessão, que persiste na nossa época, de acumular riqueza para si próprio*". E indica que isto pode ser conseguido sem grandes privações, simplesmente lutando contra a tendência de querer aproveitar-se dos outros. Esta consciência, diz o sacerdote, seria um passo importante para levantar o véu da vergonha que cobre os rostos daqueles que, "*por serem desprezados pela sociedade, acabam por se desprezar a si próprios*".

Dar mais voz aos pobres

Monsenhor Pierre Cibambo elogia o empenho da Igreja, reflectido nas escolhas ministeriais dos Papas recentes, em prestar maior atenção aos membros marginalizados da sociedade. Espera também que se aprofunde o princípio do desenvolvimento humano integral, promovido pela Doutrina Social da Igreja, dando particularmente maior voz aos pobres; para que sejam ouvidos com mais atenção e considerados os principais agentes do seu próprio empoderamento. Assim, diz, o papel da Igreja será de acompanhá-los na sua caminhada, capacitá-los, equipá-los e apoiá-los para que possam tomar o seu destino nas suas próprias mãos.

O presidente da Cáritas África sublinha ainda que existe todo um esforço de advocacia que visa a transformação de estruturas injustas, que nunca deve cessar. Estas incluem "ações junto dos decisores políticos para os incentivar a adotar políticas que promovam o desenvolvimento humano, combatam a corrupção e implementem instrumentos de apoio à paz e à coesão social".

O Papel Profético da Igreja

Perante a globalização da indiferença, Mons. Cibambo insiste na necessidade de a Igreja, "não só denunciar os anti-valores, mas também propor respostas credíveis e realistas capazes de oferecer as melhores soluções possíveis", de forma a preservar o seu papel profético. Pierre Cibambo lembra-nos que hoje, particularmente em África, os rostos da pobreza são muitos. Entre eles, diz, não são só "todos os homens, mulheres e crianças que passam fome", mas também "todos aqueles e aquelas que não têm acesso a cuidados de saúde e que morrem de doenças que deveriam ser erradicadas"; "aqueles e aquelas que são vítimas de guerras e que são continuamente deslocados e amontoados em campos de miséria"; "crianças privadas de escolaridade e recrutadas por grupos armados"; "aqueles e aquelas em rota de migração forçada que são maltratados ou devolvidos"; e "aqueles e aquelas que são vítimas do extremismo, incluindo o extremismo religioso, aqueles e aquelas que sofrem violência sexual, por vezes utilizada como arma de guerra".

Estas situações, segundo o presidente da Caritas África, exigem um compromisso contínuo da Igreja para "permanecer como sinal de esperança para o nosso tempo".

Fonte: Vatican News

Bispo de Pemba: "não ao ódio e guerra entre irmãos, em nome da religião"

O Bispo da Diocese de Pemba (norte de Moçambique), Dom António Juliasso Ferreira Sandramo, falando na passada sexta-feira, 14, durante a Missa por ocasião da graduação dos estudantes da Universidade Católica de Moçambique naquela região, alertou para o risco de os moçambicanos caírem no erro de promover ódio e guerra entre irmãos, em nome da religião.

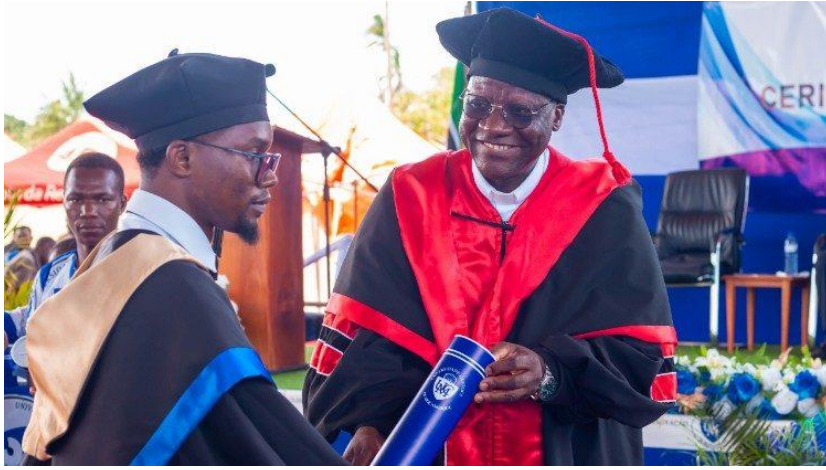
Rogério Maduca – Beira, Moçambique

Diante das acções terroristas que assolam o país e de forma particular a província de Cabo Delgado, o prelado lembrou que é recomendação de um dos mandamentos, amar a Deus e ao próximo, um imperativo para todo o ser humano. Quem ama a Deus, jamais fará mal ao semelhante, reforçou.

A sociedade moçambicana corre o risco de cair no erro de, em nome da religião, promover o ódio e guerra entre irmãos, alertou o Bispo de Pemba, lembrando que isso é contraditório ao mandamento de Deus, e os académicos são chamados a aprofundar o assunto.



Dom António Juliasso F. Sandramo, Bispo de Pemba (Moçambique), na Missa de graduação dos estudantes da UCM



Padre Dr. Filipe Sungo na cerimónia da graduação de estudantes da UCM, em Pemba (Photography)

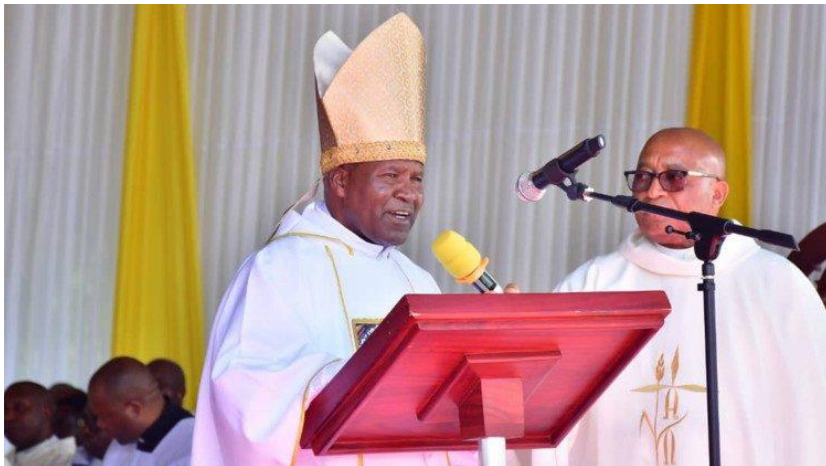
Por sua vez, o Reitor da Universidade Católica de Moçambique, Professor Doutor Padre Filipe Sungo, encorajou o governo de Moçambique na busca de soluções que vão além das armas, e por isso pediu esforços sinceros e corajosos de reconciliação.

Fonte: Vatican News

Tanzânia. Bispos apelam a investigação independente da violência e mortes nas eleições

Os Bispos católicos da Tanzânia apoiaram os crescentes apelos – tanto locais como internacionais – para uma investigação independente sobre a recente violência eleitoral, que resultou em centenas de mortos.

Paulo Samasumo – Cidade do Vaticano



Dom Wolfgang Pisa, O.F.M. Cap, Bispo da Diocese de Lindi e Presidente da Conferência Episcopal da Tanzânia (TEC)

Num comunicado divulgado no sábado, 15 de novembro de 2025, Dom Wolfgang Pisa, Bispo da Diocese de Lindi e atual Presidente da Conferência Episcopal da Tanzânia (TEC), afirmou que os Bispos “discutiram e refletiram sobre os acontecimentos do dia das eleições, bem como sobre o período posterior à eleição”. A mensagem da TEC foi lida durante a Missa que encerrou a Assembleia Plenária dos Bispos. Os prelados estiveram reunidos em Dar es Salaam, de 11 a 14 de novembro, para rezar e deliberar sobre os recentes acontecimentos que afectaram o país.

Reputação internacional

Os Bispos condenaram conjuntamente as autoridades da Tanzânia pelo uso excessivo da força para reprimir os protestos, e instam o governo a divulgar os nomes de todos os indivíduos que ainda estão detidos por motivos eleitorais e políticos.

“Estamos muito angustiados com esta situação e condenamos estes brutais e cruéis assassinatos dos nossos jovens e de outros. Verdadeiramente, isto é um grande mal e uma abominação perante o nosso Deus. Estamos todos feridos; a nação foi ferida e perdeu o respeito aos olhos da comunidade internacional”, disse Dom Wolfgang Pisa.

O direito à vida

Os Bispos reafirmaram o direito dos tanzanianos a protestos pacíficos, sublinhando que os protestos são um meio essencial para os cidadãos expressarem as suas queixas, especialmente quando o diálogo falha.

“A Constituição da República Unida da Tanzânia reconhece o direito à manifestação pacífica”, disse Dom Pisa que prosseguiu dizendo: “Tem havido incidentes generalizados de assassinatos, raptos, agressões e ferimentos de cidadãos, muitas vezes sem um esforço firme para impedir estes males, que são contrários à Constituição da Tanzânia, especificamente ao artigo 14.º.

Intitulado ‘O Direito à Vida’, o artigo 14.º da Constituição da Tanzânia refere que cada pessoa tem o direito de viver e ser protegida pela sociedade de acordo com a lei. Isto significa que todos os indivíduos têm direito à proteção das suas vidas, sendo responsabilidade do Estado garantir que este direito seja respeitado dentro dos limites legais.”

Erosão da democracia

Dom Wolfgang Pisa manifestou ainda preocupação pelo facto de a democracia na Tanzânia estar a ser minada pelas autoridades há algum tempo.

“Há uma falta de democracia genuína na forma como os líderes são eleitos. Este tem sido um clamor constante da nossa nação desde 2016 e continua por resolver. As eleições carecem de competição justa, transparência, verdade, liberdade e credibilidade”, disse o prelado.

O Presidente da Conferência Episcopal Tanzaniana concluiu ressaltando que a raiva expressa nas ruas foi alimentada pela ausência de canais adequados para os cidadãos expressarem as suas reivindicações.

Embora o número exato de mortos permaneça incerto — estimativas dos media falam em mais de mil mortos no período pós-eleições, e a ONU informou recentemente que “centenas de manifestantes e outros foram mortos e em número desconhecido ficaram feridos ou detidos na Tanzânia após os protestos em torno das eleições do mês passado” — a dimensão total da violência ainda não é clara.

Apelo a uma investigação independente

Na tomada de posse do parlamento da Tanzânia, a Presidente Samia Suluhu anunciou que o seu governo tinha criado uma comissão para investigar a violência e os assassinatos pós-eleitorais, que atribuiu sobretudo a elementos estrangeiros. No entanto, os relatórios da ONU indicam um sofrimento contínuo entre os cidadãos, com as famílias a procurarem desesperadamente os seus entes queridos nas prisões, casas mortuárias e hospitais.

“Os acontecimentos trágicos exigem uma investigação que envolva as partes interessadas dentro e fora do país. Recomendamos que esta seja conduzida por uma comissão independente e imparcial — composta por organizações internacionais, instituições religiosas, grupos da sociedade civil e especialistas em justiça, democracia e governação — e que o governo esteja preparado para receber e implementar as conclusões”, declararam os Bispos da Tanzânia, salientando que este passo é essencial para a cura nacional.

Fonte: Vatican News

Papa anuncia intenção de visitar Fátima

18 Novembro, 2025 21:06

Leão XIV diz que vai viajar mais após final do Jubileu, projetando passagens por santuários marianos e pela América Latina

Roma, 18 nov 2025 (Ecclesia) – O Papa anunciou hoje a intenção de visitar Fátima, após a conclusão do atual Jubileu (6 de janeiro de 2026), projetando passagens por santuários marianos e pela América Latina.

“A Fátima, a todos os lugares. Gosto muito de viajar. O problema é planear, com todos os compromissos. Mas sim, a Fátima, a Guadalupe também, México, ao Uruguai, à Argentina, que estão pendentes, também ao Peru, obviamente, etc.”, disse Leão XIV, em espanhol, aos jornalistas, à saída da residência pontifícia de Castel Gandolfo, onde passou o dia.

A pouco mais de uma semana da primeira viagem do pontificado, que o vai levar à Turquia e ao Líbano, o Papa respondeu a uma questão sobre o regresso ao Peru, onde foi missionário e bispo por mais de duas décadas, antes de ser criado cardeal e de ser eleito como sucessor de Francisco.

“Boa pergunta. Durante o ano do Jubileu, seguimos em frente, a viver cada dia com as nossas atividades e, no próximo ano, iremos planear pouco a pouco”, explicou, após referir que “obviamente” gostaria de regressar à América Latina em 2026.



Foto: Vatican Media

A 11 de outubro, o Papa ofereceu uma Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, que colocou junto à imagem venerada na Capelinha das Aparições, presente no Vaticano para o Jubileu da Espiritualidade Mariana.

O gesto aconteceu no início de uma vigília de oração pela paz, na Praça de São Pedro, perante milhares de peregrinos de dezenas de países.

Leão XIV tornou-se assim o quarto pontífice a cumprir este gesto de homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

Em maio de 2017, Francisco ofereceu pessoalmente uma Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, na Capelinha, por ocasião do centenário das aparições.

Bento XVI tinha sido o primeiro pontífice a entregar pessoalmente a Rosa de Ouro, durante a oração que recitou na Cova da Iria, a 12 de maio de 2010, como “homenagem de gratidão” a Nossa Senhora de Fátima.

Antes, o Papa Paulo VI tinha concedido a primeira Rosa de Ouro do Santuário de Fátima, a 21 de novembro de 1964, no fim da terceira sessão do Concílio Vaticano II, cujo aniversário de abertura se assinala hoje.

Esta distinção foi entregue a 13 de maio de 1965 pelo cardeal Fernando Cento, legado pontifício.

São João Paulo II, que visitou o Santuário de Fátima em três ocasiões (1982, 1991, 2000) ofereceu à instituição a bala que o atingiu no atentado de 13 de maio de 1981, na Praça de São Pedro, ferindo-o com gravidade; a bala seria posteriormente colocada na coroa da Imagem da Capelinha das Aparições.

Fonte: Agência Ecclesia

Síria: 25 mil cristãos sobrevivem na segunda cidade do país, que «está pior do que nos tempos da guerra», afirma pároco de Alepo

18 Novembro, 2025 17:45

Em 2011, o número chegava aos 300 mil, refere o padre Hugo Alaniz, que está em Portugal para participar na «red week» promovida pela Fundação Ajuda à Igreja que Sofre



Foto Agência ECCLESIA/HM, Padre Hugo Alaniz

O padre Hugo Alaniz, pároco em Aleppo, na Síria, disse em declarações à Agência ECCLESIA que o número de cristãos “diminuiu muito” e a situação económica do país “está pior do que nos tempos da guerra”.

“O novo presidente está a fazer tentativas com outros governos, especialmente do Ocidente, mas também com a Arábia Saudita, Catar, e, claro, isso criaria postos de trabalho no futuro. Neste momento, a situação está pior do que nos tempos da guerra”, afirmou o pároco de Aleppo, a segunda cidade do país e com maior número de habitantes.

Segundo o padre Hugo Alaniz, “o país economicamente está arruinado”, “há muito medo ainda de investir”, nomeadamente por parte de países estrangeiros, e a “vida é muito cara”.

“Durante o governo de Bashar al-Assad, durante a guerra, havia um bloqueio económico à Síria imposto pelos países do primeiro mundo: não havia maquinaria, não havia novos veículos, não havia medicamentos de fora, por causa do bloqueio económico. Agora já deixaram de entrar maquinarias e veículos, mas a gente não tem dinheiro”, afirmou.

De acordo com o pároco de Aleppo, a economia do país está muito enfraquecida, com uma inflação a rondar os 16 mil por cento e desemprego a crescer, que deixa as famílias numa “vida de miséria”.

“Segundo os dados da ONU, 92% da população estava abaixo do nível de pobreza, e desse número, quase um 70% em situação de miséria. Agora, com este novo governo deste último ano, acreditamos que a situação poderá melhorar”, afirmou.

Uma família não tem rendimentos para viver dignamente. Para que uma família de quatro pessoas não seja pobre, precisa de, mais ou menos, 350 a 400 euros por mês, para não ser pobre. Mas o salário de uma pessoa, por mês, não chega a 50 euros”

Marcada por regime totalitários e a repressão de Bashar al-Assad, entre 2000 e 2024, que caiu após uma guerra civil de uma década e meia que fez 500 mil mortos, a Síria é liderada por um governo de transição de cinco anos, que resulta de diferentes representantes de religiões e etnias.

O padre Hugo Alaniz, do Instituto do Verbo Encarnado, é missionário na Síria nos últimos 8 anos, depois ter estado no Egito e na Jordânia, e sublinha o agravamento da situação no país após 15 anos de guerra, o terramoto e a invasão de grupos rebeldes, o que não impede o dinamismo da Igreja Católica na região, apesar da diminuição do número de cristãos

“Em Aleppo, onde vivemos, antes da guerra, em 2011, havia 300 mil cristãos, agora a comunidade cristã reduz-se a 25 mil”, afirma o padre Hugo Alaniz, referindo-se a católicos, ortodoxos, evangélicos e protestantes.



Foto Agência ECCLESIA/HM, Padre Hugo Alaniz

De acordo com estimativas da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, os cristãos na Síria seriam cerca de 2,1 milhões, em 2011, e, 2024, apenas 540 mil.

“Há uma situação muito triste, a que se viveu, mas, ao mesmo tempo, damos graças a Deus, pela presença da Igreja, que alenta estas famílias, e, no possível, tratamos de ajudá-las a subsistir nestas terras dos primeiros cristãos”, afirma o sacerdote.

O padre Hugo Alaniz está em Portugal a convite da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre que, durante esta semana, promove a “Red Week” com o objetivo de alertar para situações de perseguição por motivos religiosos, nomeadamente através da iluminação de vermelho de diferentes monumentos.

O pároco de Alepo agradeceu o apoio de instituições como a Ajuda à Igreja que Sofre, tanto durante os anos da guerra como atualmente, que fez chegar o auxílio aos cristãos de diferentes ritos no país, ajudando nomeadamente ao Refeitório Comunitário para Anciãos, na paróquia de Alepo.

Fonte: Agência Ecclesia

Bispos discutem formação na fé para Conferência Nacional da Juventude Católica nos EUA



Organizadores do próximo diálogo digital do papa Leão XIV com jovens, em 21 de novembro, na Conferência Nacional da Juventude Católica em Indianápolis, EUA, falam com a imprensa no local da Assembleia Plenária de Outono da Conferência da USCCB, em Baltimore, EUA, em 12 de novembro de 2025. | Shannon Mullen/National Catholic Register

Por Tessa Gervasini

Bispos debateram o lugar de jovens fiéis na Igreja antes da Conferência Nacional da Juventude Católica nos EUA.

Na Assembleia Plenária de Outono da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA (USCCB, na sigla em inglês), em Baltimore, EUA, bispos falaram sobre a geração jovem, enquanto muitos se preparam para participar da Conferência Nacional da Juventude (NCYC, na sigla em inglês). A conferência vai ocorrer de quinta-feira (20) a sábado (22) em Indianápolis e terá como foco a oração, a comunidade, a evangelização e o serviço entre os jovens fiéis.

No NCYC, o papa Leão XIV fará um diálogo digital com adolescentes de várias partes dos EUA. “Quando o papa fala, ele fala ao mundo, e esse será um momento maravilhoso”, disse o arcebispo da Filadélfia, Nelson Pérez. “Esse encontro envolverá os jovens em tempo real”.

Numa entrevista coletiva de imprensa em 12 de novembro na assembleia plenária de outono da USCCB, Pérez disse que “o encontro tem um profundo significado”. Ele disse: “Reflete o desejo do Santo Padre de se conectar com os jovens, com a nossa juventude, a quem seu antecessor... o papa Francisco, chamou de o agora de Deus”.

Pérez disse que, em seu tempo como padre e bispo, percebeu que os adolescentes “querem um lugar na Igreja”. Ele disse: “Eles querem ser vistos, ouvidos e valorizados, o que é muito bonito... Eles querem ser amados pela Igreja”.

“Mesmo no mundo interconectado de hoje, a Igreja pode parecer distante dos jovens”, disse o arcebispo da Filadélfia. “A escolha do Santo Padre de se encontrar com a juventude americana... é uma expressão da proximidade dele com a juventude do mundo”.

“Esse momento será uma poderosa oportunidade para os jovens testemunharem a beleza da Igreja universal com o nosso Santo Padre e expressarem as suas preocupações, as suas vozes, as suas experiências e o que está nos seus corações”, disse Pérez.

O bispo auxiliar de Nova York, Joseph Espaillat, já participou do NCYC cerca de 12 vezes. Ele disse à CNA, agência em inglês do grupo EWTN, que “a energia e o entusiasmo dos jovens” são os motivos pelos quais ele volta todos os anos.

“Não se trata só da paróquia local ou da diocese local, mas da Igreja nacional, e há algo poderoso quando nos unimos”, disse Espaillat.

O evento deste ano é “a primeira vez que o papa concede uma entrevista *online* ao vivo como essa”, no NCYC, disse Espaillat. “O que eu amo nisso é que a Igreja nos EUA está na vanguarda neste momento. O fato de os jovens serem o foco do nosso Santo Padre será ótimo e trará muita energia positiva para a nossa Igreja”.

Espaillat incentivou os participantes a “se abrirem e se deixarem surpreender pelo Espírito Santo”. Ele disse: “Não venham com ideias preconcebidas. É um grande evento que produz muitos frutos. Já vi jovens se transformarem completamente nesse evento”.

Os jovens se aproximam da Igreja

Enquanto milhares de adolescentes se preparam para se reunir na conferência nacional, bispos dos EUA dizem por que tantos jovens fiéis estão se voltando para a Igreja. Vários bispos disseram que a presença católica nas redes sociais está ajudando a atraí-los.

O bispo de Springfield, Massachusetts, William Byrne, disse à CNA que o crescimento exponencial de jovens fiéis que se convertem à Igreja é “incrível e empolgante”. Byrne, que foi presidente do comitê de comunicação da USCCB, falou sobre o quanto a presença *online* da organização ampliou o alcance dela à geração mais jovem e à população em geral.

“Começando com a doença do nosso amado papa Francisco, passando pelo funeral dele e depois pela transição para o papa Leão XIV, tivemos um crescimento de 226% nas nossas redes sociais nas quatro plataformas que usamos — TikTok, Instagram, X e YouTube”, disse ele.

“O mais incrível é que continua crescendo. Isso significa que as pessoas estão vendo e compartilhando”, disse Byrne. Ele disse especificamente que são os “jovens” que estão espalhando a mensagem *online*.

“Então, vemos que estamos alcançando pessoas”, disse Byrne. “Mas nosso objetivo não é fazer com que as pessoas fiquem presas aos seus celulares. Nosso objetivo é fazer com que as pessoas se voltem para Jesus Cristo e tenham a impressão de Jesus Cristo e de sua noiva, a Igreja”.

“Este é um momento empolgante. Não está isento de desafios, mas também é uma oportunidade maravilhosa”, disse Byrne. “Estamos alcançando jovens curiosos e sedentos de conhecimento. É muito gratificante ver a Igreja continuar falando ao mundo, porque a Igreja nunca perdeu sua relevância”.

O início da presença católica *online* acompanhou o movimento dos novos ateus, disse o bispo de Winona-Rochester, Minnesota, Robert Barron. Ele disse à CNA que o movimento era composto por “pessoas que estavam realmente moldando a cultura, dizendo: Não há propósito na vida. Viemos do nada. Não vamos a lugar nenhum. Não existe valor moral objetivo”.

Assine aqui a nossa newsletter diária

“Muitas pessoas, entre elas eu, começaram a usar as redes sociais com uma voz religiosa”, disse Barron. “Pessoas que não tinham ouvido uma voz religiosa ou que não tinham religião... podiam encontrar pessoas como eu e muitas outras que estavam realmente falando sobre Deus e sobre religião”.

“Mas acho que, à medida que toda uma geração atingiu a maioria, percebeu o quão desesperadamente triste e vazia essa mensagem é”, disse Barron. “Existe essa fome de Deus no coração, e isso simplesmente se reafirma. Acho que muitos jovens que foram criados com essa filosofia muito superficial começaram a se voltar para a religião”.

À medida que mais jovens fiéis se envolvem na formação da juventude, seja em suas paróquias ou em encontros maiores como o NCYC, Barron disse que os encoraja a aproveitar as oportunidades para "construir comunidade e um senso de família com outros fiéis".

Barron, fundador da organização de mídia católica Word on Fire, tem cerca de 3 milhões de inscritos no YouTube e milhões de seguidores em outras plataformas de mídia social. Mas, segundo ele, “uma desvantagem das mídias sociais é que elas formam um mundo um tanto privado. Muitas pessoas podem ter acesso a elas, mas de modo privado”.

“Talvez através das redes sociais um indivíduo encontre um caminho para a religião, mas olhar ao redor de uma sala e ver milhares de outras pessoas que estão num caminho semelhante — isso é algo maravilhoso”, disse Barron.

Fonte: ACIDigital

Bispo critica condenação à morte de ex-primeira-ministra de Bangladesh



A então primeira-ministra de Bangladesh, Sheikh Hasina, fala com a imprensa um dia depois de vencer as 12ª eleições parlamentares em Daca, capital do país, em 8 de janeiro de 2024. | INDRANIL MUKHERJEE/AFP via Getty Images

Por Stephan Uttom Rozario

O secretário da Conferência Episcopal Católica de Bangladesh criticou a condenação à morte da ex-primeira-ministra Sheikh Hasina como unilateral e politicamente motivada, reafirmando a oposição da Igreja à pena capital.

Em julho do ano passado, protestos estudantis contra cotas de emprego se transformaram em levante popular que forçou Hasina a fugir para a Índia em 5 de agosto. Uma equipe de investigação da Organização das Nações Unidas disse que cerca de 1,4 mil pessoas foram mortas, embora ativistas de Bangladesh acreditem que o número ultrapasse 2 mil.

Hasina vive exilada na Índia desde que fugiu do país. Num comunicado divulgado por meio de seu partido, a Liga Awami, no Facebook, ela classificou os veredictos como “tendenciosos e politicamente motivados”, proferidos por “um tribunal fraudulento, estabelecido e presidido por um governo não eleito e sem mandato democrático”.

O bispo de Mymensingh, Ponen Paul Kuni, CSC, disse à CNA, agência em inglês da EWTN, que o veredito proferido ontem (17) pelo Tribunal Penal Internacional de Bangladesh foi “unilateral”, que “o acusado não tinha advogado e que o governo atual usou o poder político para proferir esse veredito”.

“A Igreja Católica nunca apoiou a pena de morte”, disse o bispo. “Acho que, mesmo que Sheikh Hasina tenha cometido um crime, ela deve ser punida de um modo que seja reparador”.

"Se julgarmos com pressa e dermos um veredicto como bem entendermos, não estaremos mais vivendo numa civilização, mas sim de volta à era primitiva", disse Kubi.

O Tribunal Penal Internacional de Bangladesh considerou Hasina, de 78 anos de idade, culpada de crimes contra a humanidade relacionados à repressão violenta de protestos estudantis em julho e agosto do ano passado. O tribunal condenou *in absentia* Hasina e seu ex-ministro do Interior, Asaduzzaman Khan Kamal, à morte. O ex-inspetor-geral da polícia, Chowdhury Abdullah Al-Mamun, testemunhou contra os acusados e foi condenado a cinco anos de prisão.

A sentença de 453 páginas, transmitida ao vivo ontem por televisão estatal declarou Hasina culpada de três das cinco acusações, como ordenar o uso de *drones*, helicópteros e armas letais contra manifestantes e não impedir assassinatos em massa.

O veredito provocou reações bastante divergentes em Bangladesh. Enquanto o partido Liga Awami, proibido, fez marchas de protesto em várias regiões, pessoas comuns organizaram passeatas de comemoração na maioria das regiões, como na capital, Daca, onde doces foram distribuídos.

"Só ficaremos completamente felizes quando Sheikh Hasina vier ao país e for enforcada", disse à CNA Tarif Hasan, estudante da Universidade de Daca que participou da marcha comemorativa.

O professor Asif Nazrul, consultor jurídico do governo interino, descreveu a sentença de morte como "a maior conquista no estabelecimento da justiça" e a chamou de "mais um dia de vitória para a Revolta de Julho".

Está agendada uma audiência pública sobre o caso, e o governo interino solicitou formalmente a cooperação da Índia na extradição de Hasina para que ela compareça diante do tribunal. As eleições nacionais em Bangladesh estão previstas para fevereiro do ano que vem.

Fonte: ACIDigital

----- Maior evento pró-vida no Parlamento Europeu em uma década debate aborto



Três mulheres contam suas histórias de experiências com o aborto num evento pró-vida no Parlamento Europeu, em Bruxelas, em 15 de outubro de 2025. | Centro Europeu de Direito e Justiça (ECLJ)

Por Bryan Lawrence Gonsalves

A Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade de Gênero do Parlamento Europeu votou por 26-12 a favor da iniciativa pró-aborto *Minha Voz, Minha Escolha* semanas depois de defensores da causa pró-vida terem feito a maior manifestação no Parlamento Europeu em mais de uma década para contestar a proposta da iniciativa de acesso financiado pela União Europeia (UE).

A conferência de 15 de outubro, organizada pelo Centro Europeu de Direito e Justiça e coorganizada com a federação One of Us, atraiu 300 participantes, entre eles oito membros do Parlamento Europeu, o ex-Comissário Europeu para a Saúde, Tonio Borg; e o ex-primeiro-ministro da Eslovênia, Alojz Peterle.

Seis mulheres divulgaram depoimentos sobre suas experiências pessoais com o aborto — histórias de arrependimento, trauma e consequências emocionais de longo prazo que, segundo elas, são frequentemente ignoradas na formulação de políticas.

Financiamento para o projeto *Minha Voz, Minha Escolha*

Embora a proposta de resolução do comitê sobre *Minha Voz, Minha Escolha* não tenha efeito legal vinculativo, ela estabelece um precedente simbólico que atraiu fortes críticas de organizações pró-vida em toda a Europa. Uma Iniciativa de Cidadania Europeia (ICE) permite que cidadãos da UE proponham legislação diretamente à Comissão Europeia, desde que consigam reunir pelo menos 1 milhão de assinaturas verificadas de cidadãos em, no mínimo, sete Estados-Membros.

A campanha *Minha Voz, Minha Escolha*, que recebeu grande apoio na Eslovênia, na Croácia, na Romênia e na Itália, coletou 1.124.513 assinaturas e arrecadou cerca de € 923 mil (cerca de R\$ 5,7 milhões) de doadores privados e fundações pró-aborto.

Além de apoiar o projeto de resolução, a comissão também aprovou uma pergunta oral à Comissão Europeia — um procedimento parlamentar formal usado para exigir uma explicação registrada. Nesse caso, a pergunta é sobre como a Comissão pretende responder à iniciativa *Minha Voz, Minha Escolha*, garantindo que a questão ultrapasse o âmbito da comissão e entre em um debate parlamentar público.

Organizações pró-vida fazem comparações com uma iniciativa anterior da Comissão Europeia de Proximidade (CEP), a One of Us, campanha pró-vida que em 2014 obteve um apoio público ainda maior, coletando 1.721.626 assinaturas, apesar de operar com um orçamento muito menor, de cerca de € 159 mil (cerca de R\$ 981 mil), e depender em grande parte da mobilização de voluntários.

Apesar de ter ultrapassado o limite por uma ampla margem, a Comissão Europeia recusou-se a acatar suas propostas. O resultado continua a ser um ponto de discórdia nos círculos pró-vida, que dizem que evidencia um duplo padrão institucional e um viés político no modo como essas iniciativas são tratadas.

Financiamento da UE para abortos fora dos países de origem

O evento pró-vida de 15 de outubro focou no contexto social e emocional que envolve as decisões sobre o aborto — desde a pressão familiar e as dificuldades econômicas até casos em que o aborto ocorreu depois de violência sexual.

Segundo os organizadores, as seis mulheres que divulgaram seus testemunhos também entraram em contato com todos os 40 membros efetivos do comitê, oferecendo-se para divulgar suas experiências individualmente.

A maioria dos membros não concordou em se encontrar com eles.

Para Nicolas Bauer, do Centro Europeu de Direito e Justiça (ECLJ, na sigla em inglês), a falta de diálogo reforça uma preocupação mais ampla. Ele pôs em dúvida se alguns membros do Parlamento Europeu se guiam mais pela ideologia do que pela escuta da diversidade das experiências das mulheres.

O apoio do comitê à iniciativa *Minha Voz, Minha Escolha*, disse ele, reflete a crença entre grupos de esquerda de que o aborto é "inerentemente um direito e um bem social", deixando pouco espaço para relatos de sofrimento, arrependimento ou conflito moral.

Assine aqui a nossa newsletter diária

Bauer disse que a proposta prevê um sistema no qual uma mulher que não consiga fazer um aborto em seu país de origem possa "receber financiamento da UE para fazê-lo num país onde isso esteja disponível".

Como exemplo, ele disse que uma mulher francesa com 22 semanas de gravidez (cerca de cinco meses e meio)— ultrapassando o limite legal na França — “poderia viajar para a Holanda para fazer um aborto, financiado pela UE”.

Na prática, tal esquema "harmonizaria a legislação sobre o aborto em toda a Europa, alinhando-a com a dos países mais permissivos", independentemente da legislação nacional ou do consenso moral. Ele atribuiu a repercussão pública da campanha não a um amplo acordo ideológico, mas a um "marketing sofisticado apoiado por recursos financeiros substanciais".

Ele disse que a Comissão Europeia "chegou mesmo a ajudar os organizadores da iniciativa *Minha Voz, Minha Escolha* a redigir a petição de modo a maximizar as hipóteses de ser considerada admissível", contrastando essa situação com a da iniciativa One of Us, que, segundo ele, "reuniu mais assinaturas, mas não beneficiou do mesmo apoio institucional".

Analisando estratégias de cima para baixo

Matthieu Bruynseels, diretor de defesa de direitos para assuntos da UE na Federação das Associações Católicas de Famílias, enfatizou a importância do princípio da subsidiariedade — princípio enraizado tanto nos tratados da UE quanto na doutrina social da Igreja. Ele disse que questões como aborto, gestação por substituição e eutanásia estão fora das competências diretas da UE, mas continuam sendo debatidas em nível europeu por razões políticas. Depois do evento *Minha Voz, Minha Escolha*, Bruynseels disse que a federação está preocupada com os crescentes esforços do Parlamento Europeu para incorporar o direito ao aborto nas políticas dele.

A ECLJ planeja retomar esses temas em sua próxima conferência, em 26 de novembro. O evento examinará o que descreve como estratégias cada vez mais autoritárias dentro da campanha *Minha Voz, Minha Escolha*, assim como as tendências recentes no financiamento da Iniciativa Europeia de Cuidados (ICE). Ela também destacará o artigo 33 da Carta dos Direitos Fundamentais da UE, que insta a União Europeia a apoiar, e não a redefinir, a família e a maternidade. Assim como no encontro de outubro, a conferência de novembro terá novamente mulheres divulgando relatos em primeira mão das experiências delas com o aborto.

Quanto à iniciativa *Minha Voz, Minha Escolha*, ela entrará em sua fase institucional formal. Uma audiência pública está agendada para 2 de dezembro no Parlamento Europeu, na qual os organizadores apresentarão seus argumentos aos membros do Parlamento Europeu, da Comissão Europeia e de outras partes interessadas. Depois dessa audiência, a Comissão Europeia deverá emitir uma resposta oficial, indicando se pretende propor medidas legislativas, adotar medidas alternativas ou recusar-se a prosseguir com a iniciativa, explicando publicamente seu raciocínio.

Para defensores como Bauer, Bruynseels e muitos outros dentro do movimento pró-vida europeu, esses desdobramentos destacam uma questão crucial no cerne da política da UE hoje: a política de aborto irá se alinhar gradualmente em toda a União Europeia, ou continuará a refletir as diversas tradições éticas, legais e culturais de cada país?

Fonte: ACIDigital

Bispo que chefia grupo de liturgia tradicional em Campos fala sobre sua sucessão em audiência com Leão XIV



Papa Leão XIV e dom Fernando Rifan em uma audiência privada no sábado, 15 de novembro, no Vaticano | Vatican Media

Por Monasa Narjara

O bispo da Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney, dom Fernando Arêas Rifan, teve uma audiência particular de 30 minutos com o papa Leão XIV no sábado, 15 de novembro, na Biblioteca do Palácio Apostólico, no Vaticano, na qual falou com o papa sobre sua sucessão.

A Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney foi criada em 2002 pelo papa São João Paulo II como uma circunscrição eclesiástica de caráter pessoal no território da diocese de Campos (RJ) para manter a liturgia antiga, a disciplina e os costumes tradicionais. Ela é originária da União Sacerdotal São João Maria Vianney, um grupo de padres que depois da promulgação do Missal

de Paulo VI, em 1969, decidiu junto com o então bispo de Campos (RJ), dom Antônio de Castro Mayer, manter o rito romano antigo.

Dom Antônio participou da ordenação de quatro bispos pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre sem autorização da Santa Sé em 1988. Por isso, a união sacerdotal viveu em situação irregular até 2002, quando voltou à plena comunhão com Roma.

Renúncia por idade

Dom Fernando Rifan disse ao papa que já apresentou sua carta de renúncia pelos seus 75 anos, completados no último dia 25 de outubro. Segundo o cânon 401 do Código de Direito Canônico, o bispo “que tiver completado setenta e cinco anos de idade, que apresente a renúncia do ofício ao Sumo Pontífice, o qual providenciará depois de examinadas todas as circunstâncias”.

Dom Fernando disse ter falado a Leão XIV sobre “a necessidade da continuação” da Administração Apostólica São João Maria Vianney de ter “um bispo”. “Claro que a resposta dele virá através dos canais competentes, após as consultas de praxe”, disse o bispo.

“Sobre a minha renúncia, não me julgo necessário nem insubstituível, o que ninguém é, como sempre ensinei. Claro que não pedi nada, além da benção dele”, disse dom Rifan. “Faço minha a oração de São Martinho: “Senhor, se ainda sou necessário ao vosso povo, não recuso o trabalho”. Mas esses trâmites demoram um pouco. O papa não dá resposta imediata. Faz muitas consultas primeiro”.

“Rezemos para que o papa faça o que for melhor para o futuro da nossa Administração Apostólica, para o bem da Igreja e para a glória de Deus”.

Visita cordial

“Fiquei muito satisfeito com essa visita cordial e auspiciosa” e “exprimi-lhe a nossa comunhão e firme adesão a Cátedra de Pedro, na pessoa dele”, disse dom Rifan nas **redes sociais** da Administração Apostólica.

Dom Rifan disse que se apresentou ao papa Leão “como bispo da Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney, que ele certamente conhecia só por informes” e explicou a ele “a origem e a razão pela qual foi criada pelo papa São João Paulo II em 2002”.

“Contei a ele a nossa história e lhe dei os documentos nossos e da Santa Sé a respeito. Dei a ele também alguns livros meus, artigos e esclarecimentos”, disse o bispo. “Falei sobre o nosso itinerário teológico e espiritual, sobre como saímos do estado de separação da Igreja e de como chegamos à compreensão da necessidade da comunhão, na qual agora, graças a Deus e à Igreja, nos encontramos”.

O bispo ainda contou que o papa Leão “fez várias perguntas” a ele sobre a “posição” da Administração Apostólica, e que suas respostas deixaram o papa “bem satisfeito”.

“Ele percebeu que somos bem diferentes de outros grupos radicais e cismáticos”, pontuou dom Rifan. “Fora da Igreja pode se ter muita coisa boa; pode se cantar Aleluia, Amém, fazer o sinal da cruz etc... Mas, fora da Igreja, não há salvação”.

“Mostrei a ele como estamos em comunhão com o nosso bispo diocesano e com os outros bispos católicos. Expliquei-lhe como funciona o nosso seminário e nossa triagem de vocações”, disse o bispo. “Expliquei-lhe que atendemos também 11 outras dioceses com a permissão ou pedido dos bispos locais. Falei-lhe, assim e, portanto, da necessidade de continuar com a nossa Administração Apostólica pelo bem da Igreja”.

Dom Fernando Arêas Rifan foi ordenado padre no dia 8 de dezembro de 1974 na catedral basílica menor do Santíssimo Salvador, em Campos dos Goytacazes (RJ) por dom Antônio de Castro Mayer. Em 1991, dom Licínio Rangel sucedeu dom Mayer e Rifan continuava atuando como uma das principais lideranças do grupo conhecido informalmente como “padres de Campos”, que era irregular.

Ele ajudou a negociar a reconciliação com a Santa Sé, celebrada em 2001 e no dia 18 de janeiro de 2002, o papa São João Paulo II criou a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney, com sede em Campos (RJ), nomeando Rifan como seu primeiro bispo. Ele se tornou um dos porta-vozes do rito latino antigo dentro da Igreja. Em 2007, o papa Bento XVI publicou o motu próprio *Summorum pontificum*, com o qual liberou o uso da liturgia para todos os padres. No ano seguinte, dom Rifan foi convidado para participar da Jornada Mundial da Juventude em Sidney, Austrália, para servir aos jovens ligados à liturgia tradicional.

Oração pela eleição do novo bispo da Administração Apostólica

Por causa da apresentação da carta de renúncia de dom Fernando Rifan, a Administração Apostólica fez um post em suas redes sociais com uma “oração **pedindo a intercessão de São João**

Paulo II pela eleição do novo bispo da Administração Apostólica”, para que o novo bispo seja um “pastor segundo o coração de Jesus: homem firme na defesa da verdade e terno na caridade pastoral; capaz de conduzir este rebanho com sabedoria, fortaleza e mansidão evangélica”.

Atualmente, a Administração Apostólica tem um seminário próprio, paróquias, associações de fiéis, institutos de vida consagrada, tribunal eclesiástico, diversas obras sociais, escolas e também atua em 13 outros locais em dez dioceses, nos quais os padres da administração celebram, como: Nova Iguaçu (RJ), Rio de Janeiro (RJ), Volta Redonda (RJ), Nova Friburgo (RJ), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Itaúna (MG), Divinópolis (MG), Barbacena (MG), Itaverava (MG), São Lourenço (MG) e Vitória (ES).

Fonte: ACIDigital

Violência contra cristãos aumenta drasticamente em toda a Europa, diz relatório



*Crucifixo de madeira à beira de estrada na Baviera, Alemanha. | AC Wimmer/EWTN News
Por Alexander Folz*

Os ataques incendiários a igrejas em toda a Europa quase dobraram no ano passado, parte de uma onda mais ampla de crimes de ódio anticristãos com 274 agressões pessoais contra cristãos e o assassinato de um monge espanhol de 76 anos de idade, segundo um relatório divulgado ontem (17) pelo Observatório sobre Intolerância e Discriminação contra Cristãos na Europa (OIDAC Europa), com sede em Viena, Áustria.

O relatório documentou 2.211 crimes de ódio anticristãos em toda a Europa no ano passado, com 94 ataques incendiários a igrejas — quase o dobro do número registrado em 2023.

O lançamento oficial do relatório ocorre hoje (18), no Intergrupo do Parlamento Europeu sobre Liberdade de Religião, Crença e Consciência. O OIDAC Europa compilou o relatório usando dados oficiais da polícia, estatísticas da OSCE/ODIHR e sua própria documentação de casos.

Os números oficiais não mostram a escala completa

O aumento nos ataques incendiários é particularmente notável: um total de 94 incidentes de incêndio criminoso tiveram como alvo igrejas e outros locais cristãos — um terço (cerca de 33%) dos quais ocorreu na Alemanha.

França, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Áustria registraram o maior número de incidentes anticristãos no geral. Embora a maioria dos ataques tenha sido direcionada a locais de culto, a OIDAC Europa registrou 274 ataques pessoais contra cristãos no ano passado, como agressões e ameaças.

Entre as conclusões do relatório, estão vários casos graves, como o assassinato de um monge de 76 anos de idade na Espanha, em novembro do ano passado, e a quase destruição por um incêndio de uma igreja histórica em Saint-Omer, França, em setembro do ano passado.

Anja Tang, diretora executiva da OIDAC Europa, disse que os números representam "atos muito concretos de vandalismo contra igrejas, incêndios criminosos e agressões físicas que afetam profundamente as comunidades locais", dizendo que as estatísticas oficiais ainda subestimam a dimensão do problema.

Pesquisas feitas na Polônia e na Espanha mostram que cerca de metade dos padres já sofreu agressões. Mas a grande maioria das pessoas nunca denuncia esses incidentes à polícia.

“Se metade do clero católico sofre agressões num país de maioria católica, a hostilidade contra os cristãos não pode mais ser tratada como uma questão marginal”, disse Tang.

Cristãos sob pressão social em toda a Europa

Além dos ataques físicos, o relatório fala sobre a crescente pressão legal e social sobre os cristãos em toda a Europa entre 2024 e 2025.

Exemplos disso são a perseguição judicial de indivíduos por orarem silenciosamente nas chamadas “**zonas-tampão**” perto de clínicas de aborto no Reino Unido; o processo em curso por “discurso de ódio” contra a deputada finlandesa **Päivi Räsänen** por citar a Bíblia; e o caso de grande repercussão envolvendo a professora britânica **Kristie Higgs**. Em fevereiro deste ano, o Tribunal de Apelação da Inglaterra e de Gales reconheceu as crenças cristãs de Higgs como legalmente protegidas.

“Esses padrões destacam a necessidade urgente de fortalecer a proteção da liberdade de religião ou crença na Europa — como o direito de expressar e discutir convicções religiosas na esfera pública sem medo de represálias ou censura”, disse Tang.

Em recomendações, a OIDAC Europa pede uma ação mais forte e coordenada da União Europeia. Isso abrange a nomeação de um coordenador da União Europeia para combater o ódio anticristão, semelhante aos mandatos existentes sobre antissemitismo e ódio antimuçulmano.

A organização também exorta governos a implementarem o novo guia da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), *Compreendendo os Crimes de Ódio Anticristãos e Atendendo às Necessidades de Segurança das Comunidades Cristãs*, e a tornarem a coleta sistemática e comparável de dados sobre crimes de ódio contra cristãos uma prioridade fundamental.

Fonte: ACIDigital

Um sonho realizado, diz ex-morador de rua sobre almoço de Leão XIV com pobres



José Marques, Carlos Ribeiro e

Alexandre Santos. | Crédito: Comunidade Católica Shalom.

Por Nathália Queiroz

“Estou aqui realizando um sonho, o sonho de todo católico que é estar no Vaticano, e ainda mais, almoçar com o papa”, disse Carlos Ribeiro, 45 anos, ex-morador de rua resgatado pela Comunidade Católica Shalom. Ele almoçou com o papa Leão XIV no domingo (16), Dia Mundial dos Pobres, junto com cerca de 1,3 mil pessoas em situação de vulnerabilidade, na sala Paulo VI, no Vaticano.

O Dia Mundial dos Pobres foi instituído pelo papa Francisco em 2016 e esta foi a primeira edição celebrada pelo papa Leão XIV.

“Há um ano eu estava na rua; vivi oito meses nas ruas, até que conheci a Comunidade Shalom e desde então comecei um processo de recuperação da minha dignidade, da minha família”, contou Ribeiro. “Se deixamos Deus agir em nossa vida, tudo tem solução. Ele pode tudo e não deixa nada pela metade”.

Ribeiro, viajou junto com José Marques e Alexandre Santos. Todos eles tiveram suas vidas transformadas pelo Shalom Amigo dos Pobres, um projeto de promoção humana da comunidade que visa “resgatar a dignidade e valorizar a vida de pessoas em vulnerabilidade”, diz o site.

“Eu vivi na rua, viciado em drogas durante 13 anos, fui resgatado pelo Shalom”, contou Alexandre Peres. Tinha perdido totalmente a fé em mim mesmo. Estar em Roma é um sonho realizado, algo impensável para mim”.

“O almoço com o Papa foi maravilhoso, só quem participou e esteve na Sala Paulo VI pode ter experimentado a paz, a santidade, a graça de estar perto do Santo Padre”, continuou.

Para José Marques, o almoço com o papa foi um momento de muita emoção, “Me sinto escolhido por ter vivido esse momento”, contou. “Ainda não consigo acordar desse sonho. Eu tinha dependência de drogas e álcool, estava perdido no mundo e nas ruas”. - Fonte: ACIDigital

Cardeal Pizzaballa visita os EUA em busca de ajuda para a Terra Santa

Por Tessa Gervasini



A arquidiocese de Detroit, EUA, planeja receber o patriarca latino de Jerusalém, cardeal Pierbattista Pizzaballa, para uma visita pastoral no mês que vem, com o objetivo de arrecadar fundos para projetos na Terra Santa.

“É uma bênção para os fiéis de Detroit receber o cardeal Pizzaballa, cujo testemunho corajoso na Terra Santa fortalece toda a Igreja”, disse o arcebispo de Detroit, Edward Weisenburger.

Pizzaballa visitará Detroit de 4 a 7 de dezembro. Ele vai celebrar missa e participar de eventos para arrecadar fundos para "a situação crítica e as esperanças persistentes da Igreja no Patriarcado de Jerusalém", disse a arquidiocese.

O patriarcado latino de Jerusalém remonta a 1099, mas foi restabelecido em 1847 pelo papa beato Pio IX. O patriarcado abrange Israel, Palestina, Jordânia e Chipre.

Os membros do patriarcado latino de Jerusalém trabalham para preservar os locais sagrados visitados por Jesus Cristo e pelos santos da Igreja primitiva.

“A presença cristã nos próprios lugares onde Jesus viveu e ensinou está ameaçada”, disse a arquidiocese de Detroit. Os cristãos são uma pequena minoria da população e enfrentam dificuldades pessoais e financeiras, como discriminação no emprego e pressões sociais.

Apesar da perseguição, os cristãos na Terra Santa "mantêm e protegem heroicamente os locais sagrados para todos nós", disse a arquidiocese em comunicado.

A visita de Pizzaballa está programada para começar com o evento Uma Noite de Esperança em 4 de dezembro. O jantar beneficente será oferecido pela eparquia católica caldeia de São Tomé Apóstolo, diocese de rito oriental com sede em Southfield, Michigan.

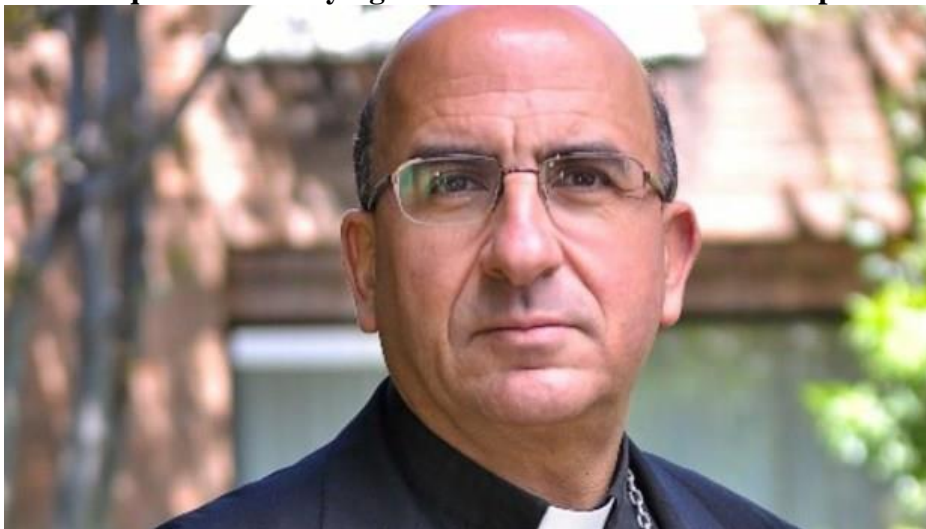
Em 5 de dezembro, Pizzaballa será o palestrante principal no evento beneficente Unidos na Fé: Unindo Corações da Cidade do Motor à Terra Santa, em Plymouth, organizado pela arquidiocese de Detroit. Pizzaballa vai divulgar informações em primeira mão sobre a situação do patriarcado de Jerusalém e os próximos passos para a Igreja.

Os cristãos da Terra Santa contam com a “solidariedade dos fiéis para manter viva sua fé antiga em sua terra natal”, disse a arquidiocese. “Por meio da generosidade dos fiéis, ajudaremos a sustentar a missão crucial deles através do cuidado pastoral, da educação e da assistência humanitária”.

Em 7 de dezembro, Pizzaballa encerrará sua viagem celebrando uma missa no santuário nacional da basílica da Pequena Flor, em Royal Oak.

“A visita de Pizzaballa nos lembra que a Igreja é um só corpo, unida além de todas as fronteiras e culturas”, disse Weisenburger. “É também uma ocasião para renovarmos nossa solidariedade com a comunidade cristã da Terra Santa e para chamarmos mais atenção para os desafios humanitários que eles continuam enfrentando”. Fonte: ACIDigital

Cardeal que sofreu bullying na infância faz alerta em carta pastoral



Facebook Fernando Chomali

Pablo Cesio

"Acabar com o bullying é uma tarefa de todos", exorta o bispo Fernando Chomali no documento, que contém seu testemunho pessoal

"Sofri muito na minha infância por ser gago. Lembro-me com tristeza, dor e frustração. Graças a Deus superei, reconciliando-me com aqueles colegas e vizinhos que zombavam de mim por uma condição que não dependia de mim".

Assim começa a carta pastoral do Cardeal Arcebispo de Concepción, Fernando Chomali, que lançou um convite às comunidades educativas para enfrentar o problema do *bullying* de diferentes perspectivas, promovendo "respeito, empatia e amor ao próximo", como reproduz a [Igreja do Chile](#).

É que, além de seu testemunho pessoal, o próprio bispo entende que o *bullying* parece ser uma prática mais comum do que se acredita - e, por isso, intitulou sua carta pastoral assim: "Acabar com o *bullying* é uma tarefa de todos".

"Infelizmente, apesar de haver mais consciência da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos, [o *bullying*] ocorre na escola, ocorre no trabalho, ocorre na própria família. Podemos dizer que vivemos em uma sociedade abusiva", disse Chomali.

"A isso se soma o cyberbullying que está causando estragos na vida de muitas pessoas. Alguns estudantes, impressionados com o tratamento que recebiam na escola, chegaram a cometer suicídio. Que maldade, que dor, que impotência", continuou.

Covardia

"O *bullying*, em todas as suas formas e expressões, é um ato de covardia, pois é uma agressão de uma ou mais pessoas contra os mais fracos. Eles são espancados e também humilhados. Muitos jovens têm vergonha de serem alvos dessa má prática e não a revelam, o que dificulta a avaliação do problema. Pessoalmente, demorei anos a contar o que vivi", afirma o arcebispo no documento.

"Quem a pratica tende a ter uma imagem ruim de si mesmo, muitas vezes até ódio, que projeta nos mais fracos, nos que não podem se defender", diz o documento. O arcebispo ainda acrescenta:

"Em geral, quem maltrata os outros são pessoas, crianças, jovens e adultos carentes de amor, compreensão e sentimento de fazer parte de um projeto social. Por trás de cada ato de violência há uma grande desesperança quanto à possibilidade de sair das frustrações presentes. Reconhecer novamente Deus como fonte insubstituível de esperança abre um caminho promissor para um novo tratamento em casa, na escola e na sociedade".

O perseguidor e uma história por trás

No segundo e terceiro pontos da sua carta, D. Chomali centra-se naqueles que praticam o *bullying*. E é aí que também aparece a palavra "revolta". "Ao atingir o outro, o mais fraco, com palavras e ações, em última análise, atinjo a sociedade que rejeito", descreve o arcebispo.

"Cada vez mais, as pessoas sentem um grande desprezo pela autoridade, venha ela de onde vier, o que torna desacreditados aqueles que a detêm, seja no âmbito familiar, educacional, público, social e religioso. Este fenômeno empobrece a democracia. Muitos pais temem seus filhos e muitos professores

temem seus alunos. Hoje, além disso, está ocorrendo que o pessoal da saúde tem medo dos pacientes e dos familiares”, diz outro trecho da carta.

Por outro lado, o arcebispo lembra também que “por trás de cada ato de violência existe uma história que, muitas vezes, vem de uma família ou de um ambiente onde falta carinho, amor, compreensão e ternura”.

“Também é preciso reconhecer que as grandes diferenças sociais que ainda persistem em nosso país geram muita violência interna. Muitos jovens estão desencantados com uma sociedade que não consegue gerar as instâncias que lhes permitam olhar o futuro com otimismo”, continua o documento.

"O que fazer?" o arcebispo se pergunta. E responde rapidamente: "Sem dúvida, a Igreja tem uma grande responsabilidade na hora de responder a esta pergunta. E a resposta é anunciar a verdade sobre o homem revelada por quem é a Verdade, Jesus Cristo. Cuidar de quem pratica *bullying* com os colegas é uma medida muito positiva e urgente”, acrescenta.

Deus, fundamento da sã convivência

“Deus é o fundamento de uma consciência reta que percebe claramente que os conflitos típicos da vida são resolvidos com diálogo fecundo, com doação generosa e acolhendo o melhor do outro”, afirma Chomali, que também faz referência à importância da família na formação das pessoas.

"Não ganhamos nada com mais fiscais, mais tribunais, mais punições se não houver um projeto de país que ajude o homem a encontrar o verdadeiro sentido da vida e tenha em mente a dimensão transcendente da existência humana. E desde a mais tenra infância”, enfatiza.

“Para isso, promover a presença de Deus na educação e na família é fundamental”, ressalta.

O bispo chileno encerra a carta pastoral convidando à reflexão e a um profundo exame de consciência a respeito do tratamento alheio.

Fonte: Aleteia

Lanciano: o padre que duvidou da Eucaristia



Antoine Mekary / ALETEIA

Padre Paulo Ricardo

Ele já não conseguia mais celebrar a missa com fé na hora da consagração. E foi então que Deus resolveu agir, dando uma prova de amor que dura até hoje

Era uma manhã de domingo comum, na cidade italiana de Lanciano, no mosteiro de São Legoziano, onde viviam os Monges de São Basílio. O mais incrédulo deles proferia as palavras da Oração Eucarística, quando, de repente, ocorreu o inesperado. Os olhos assustados do religioso denunciavam o evento. Deus havia condecorado a sua suspeita quanto à transubstanciação com o mais prodigioso dos milagres eucarísticos de que se ouviu falar.

Hóstia

A hóstia convertera-se em Carne viva e o vinho em Sangue Vivo. O pequeno monge que outrora duvidara da presença real de Cristo na Eucaristia agora era obrigado a reconhecer sua tolice, pedindo perdão a Deus - e à comunidade presente - por sua falta de fé: "Ó bem-aventuradas testemunhas diante de quem, para confundir a minha incredulidade, o Santo Deus quis desvendar-se

neste Santíssimo Sacramento e tornar-se visível aos vossos olhos. Vinde, irmãos, e admirai o nosso Deus que se aproximou de nós. Eis aqui a Carne e o Sangue do nosso Cristo muito amado!" (1)

Comoção geral. A pequena assembleia reunida se lançou sobre o altar, chorando e clamando a misericórdia de Deus. Havia nascido um novo São Tomé. O monge ganhara a fama do céptico apóstolo de Jesus e Lanciano, as multidões que se dirigiram à cidade, ano após ano, em longas peregrinações.

Relíquia

A princípio, os fiéis guardaram as relíquias num tabernáculo de marfim, mas, em 1713, foram transferidas para uma custódia de prata e um cálice de cristal, onde se encontram até hoje, na Igreja de São Francisco. Enquanto o Sangue se dividia em cinco fragmentos, coagulados em diferentes dimensões, a Hóstia-Carne aparentava um tecido fibroso, de coloração escura, e rósea quando iluminado pelo lado oposto.

Milagre

A Igreja reconheceu o milagre de Lanciano em 1574. Mas foi somente em novembro de 1970 que os Frades Menores Conventuais, os responsáveis pela guarda das relíquias, tiveram a autorização para submetê-las ao exame de dois médicos. Concluída a pesquisa, em Arezzo, os renomados doutores Linoli e Bertelli publicaram um relatório, dizendo:

"A Carne é verdadeira carne, o Sangue é verdadeiro sangue. A Carne é do tecido muscular do coração (miocárdio, endocárdio e nervo vago). A Carne e o Sangue são do mesmo tipo sanguíneo (AB) e pertencem à espécie humana. No sangue foram encontrados, além das proteínas normais, os seguintes materiais: cloretos, fósforos, magnésio, potássio, sódio e cálcio. A conservação da Carne e do Sangue, deixados em estado natural por 12 séculos e expostos à ação de agentes atmosféricos e biológicos, permanece um fenômeno extraordinário."

Resultados

Os resultados foram tão impactantes que antes mesmo do fim da análise, os médicos enviaram um telegrama aos Frades, confessando-lhes o espanto: "E o Verbo se fez Carne!". É assim que o Milagre de Lanciano, desafiando a ação do tempo e toda a lógica da ciência humana, se apresenta aos nossos olhos como a prova mais viva e palpável de que "Comei e bebei todos vós, isto é o meu Corpo que é dado por vós."

Em 1975, durante o Ano Santo, o Cardeal Karol Wotyla, futuro João Paulo II, fez uma peregrinação privada ao Santuário do Milagre Eucarístico em Lanciano. Recordando a ocasião numa visita Ad Limina dos bispos italianos dessa região, o Santo Padre insistiu para que a Eucaristia não fosse adorada "só na igreja do milagre, mas em todas as igrejas da vossa bonita terra." (2)

Curiosamente, o tipo sanguíneo das relíquias é o mesmo encontrado no Santo Sudário.

Fonte: Aleteia

-----.